

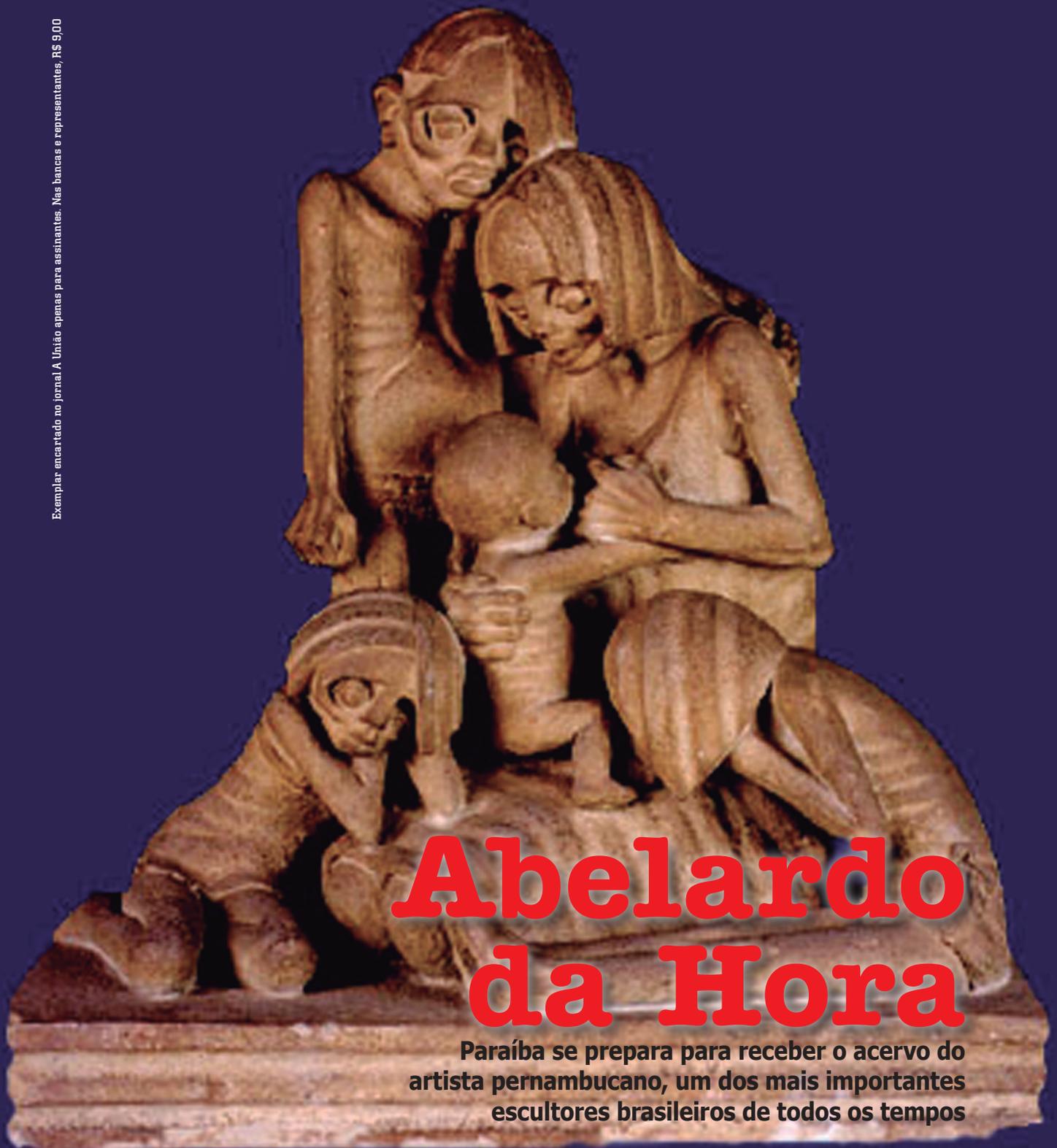
Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

Dezembro - 2020
Ano LXXI - Nº 10
R\$ 9,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 9,00



Abelardo da Hora

Paraíba se prepara para receber o acervo do
artista pernambucano, um dos mais importantes
escultores brasileiros de todos os tempos

LEVE PARA CASA A UNIÃO, A MELHOR INFORMAÇÃO

ASSINE O JORNAL A UNIÃO



3218.6518 / (83) 99117 7042



CIRCULACAO@EPC.PB.GOV.BR



EMPRESA PARAIBANA
DE COMUNICAÇÃO

Em boa hora

O ano de 2021 já reserva, pelo menos, uma boa notícia: a chegada do pernambucano Abelardo da Hora para fixar residência na Paraíba. Não a pessoa, claro, afinal o artista faleceu em setembro de 2014, aos 90 anos. Mas sua obra, que é recebida com o carinho, o zelo e a atenção que ela merece, por parte do Governo paraibano, que entende o artista como um dos mais importantes escultores brasileiros de todos os tempos.

O acervo vem parar na Paraíba após um “cochilo” de Pernambuco, que segundo denúncias feitas por parlamentares ao longo dos últimos anos, não teria reconhecido o devido valor na série de esculturas que Abelardo da Hora produziu em vida e deixou para a posteridade.

Apesar do pernambucano se sentir em casa na vizinha Paraíba, onde suas obras sempre foram muito bem re-

A cultura não conhece fronteiras, nem divisas, mas é muito bom que a Paraíba se torne conhecida como o lar da obra perene de Abelardo da Hora

cebidas e suas raízes afetivas se encontrarem na região de Guarabira, não cabe bairrismo em horas como esta, como bem pontuou o pesquisador Dyógenes Chaves na matéria que o leitor irá encontrar nas próximas páginas.

Afinal, como ele mesmo lembra, uma das coleções mais importantes do concretismo brasileiro encontra-se nos Estados Unidos, ao passo que o famoso Abaporu, da paulista Tarsila do Amaral, que tanto orgulha a arte brasileira, não está no país, mas em Buenos Artes, na Argentina, além de inúmeros outros exemplos.

A cultura, portanto, não conhece fronteiras, nem divisas, mas é muito bom que a Paraíba se torne conhecida como o lar da obra perene de Abelardo da Hora e que, através do memorial que está para abrir no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, em João Pessoa, crie-se um fluxo de intercâmbio entre um dos mais valiosos ensinamentos do comportamento humano: a arte.

O editor
editor.correiodasartes@gmail.com

índice



PAPO ENTRE POETAS

O paraibano Sérgio de Castro Pinto conversou com o paulista Ademir Assunção, autor de 'A Voz do Ventriloquo', vencedor do Prêmio Jabuti 2013.



ENTREVISTA

Autora de 'Sistema Nervoso', Lina Meruane fala, com exclusividade, sobre literatura, política, Palestina e o Chile, onde nasceu.



MÚSICA

Vencedora do 3º Festival de Música da Paraíba em 2020, a rapper e ativista Bixarte tem sua arte destrinchada pelo jornalista Walter Galvão.



CINEMA

Produção russa revolucionária, 'O Encouraçado Potemkin' faz 95 anos e ganha análise do crítico João Batista de Brito.



OUVIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória

DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albige Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

Correio das Artes

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo
DIAGRAMAÇÃO

PARAÍBA ACOLHE Abelardo da Hora em 2021

MAIS DE 170 OBRAS DO ARTISTA
PERNAMBUCANO SE PREPARAM
PARA VIAJAR DO RECIFE ATÉ
JOÃO PESSOA

Cairé Andrade
caireandrade@epc.pb.gov.br



FOTO: DIVULGAÇÃO

No decorrer de 2021, a Paraíba deverá receber o peso simbólico e literal das obras do artista visual pernambucano Abelardo da Hora (1924-2014). Através de uma doação feita pela família do pernambucano, o Governo da Paraíba assinou, em 2018, os termos para aceitação das 174 esculturas que constituirão o Memorial Abelardo da Hora, a ser inaugurado no Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa, em data ainda indefinida.

Apesar de rígidas e pesadas, as enormes obras em concreto polido são, contraditoriamente, extremamente delicadas e, por isso, requerem um cuidado extra, necessitando de um maior cuidado para o transporte, desde o ateliê do artista, na Rua do Sossego (Recife), onde estão instaladas, até João Pessoa, onde ficará o memorial.



› “O Memorial Abelardo da Hora acolhe um dos acervos artísticos mais importantes da América Latina. O governo João Azevedo assumiu a responsabilidade de viabilizar o mais novo centro cultural paraibano não só como espaço expositivo, mas enquanto polo de formação e de intercâmbio internacional. A arte crítica e de grande beleza do escultor, pintor, gravador e desenhista Abelardo da Hora, que tem raízes paraibanas, a mãe dele, a poeta Margarida, é de Guarabira, é um marco do século 20.”, afirma o presidente da Fundação Espaço Cultural (Funesc), o jornalista e escritor Walter Galvão.

Coordenador de Artes Visuais da Funesc, Edilson Parra, aponta a fase em que se encontra o

ambiente dedicado ao artista. “No decorrer da construção do Memorial Abelardo da Hora, por parte da Suplan, foram tomadas outras decisões conforme indicado pela Gerência de Artes Visuais da Funesc, no sentido de se definir os projetos complementares: expográfico, luminotécnico e design gráfico. Vencidas as fases de elaboração, licitação e execução destes últimos projetos, a Funesc tem empreendido esforços para realização do transporte das obras, montagem da exposição permanente, bem como a inauguração”, revela.

Parra acrescenta que a pandemia da Covid-19 dificulta a operação de transporte das obras, que está prestes a ser realizado. De acordo com o coordenador da Funesc, a equipe está aguardando um momento no qual haja uma maior segurança sanitária, afinal o traslado das mais de 150 esculturas exige, entre as etapas, o trânsito de pessoas que integram a empresa que irá viajar, além da realização de embalagem, acomodação das obras nos caminhões e o descarregamento e montagem em João Pessoa.



Abelardo da Hora sentado sobre uma de suas famosas esculturas em concreto polido: um dos acervos mais importantes da América Latina ficará no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, em João Pessoa

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

O Memorial Abelardo da Hora contará com 174 obras do artista em uma exposição permanente, iniciando em uma parte relativamente aberta do Espaço Cultural. “As obras estarão expostas de modo que o público entenda o conjunto de acordo com os temas que inspiraram o artista”, comenta Edilson Parra. “O acervo é composto por obras de grande porte, que ficarão logo na entrada do Memorial, em área relativamente aberta ao visitante que transita pelo Espaço Cultural. No interior do memorial serão expostas as obras de menor porte, maquetes e outros elementos que fizeram parte da pesquisa de Abelardo da Hora”.

O coordenador de Artes Visuais percebe o peso que Abelardo da Hora traz para o reconhecimento dos artistas visuais da região. “É um dos poucos escultores brasileiros com um acervo tão rico em volume de obras. Ele está inserido entre os grandes escultores de obras monumentais”.

Os temas adotados por Da Hora implicam também em reflexões sociais, sendo considerado um ativista político, principalmente no que se refere às ações para os artistas locais. A mente de Da Hora foi a responsável por uma lei que instruíra construções com mais de mil metros quadrados para a aquisição de obras de artistas visuais da região, ampliando a visibilidade e o reconhecimento destes pela população. Conhecida como Lei Municipal de Obras de Arte em Edificações do Recife, a iniciativa foi posteriormente adotada em João Pessoa, onde é respeitada até hoje.

PREOCUPAÇÃO SOCIAL

A temática de Abelardo da Hora tinha como recorrente a sua preocupação social. Parra menciona: “Ao mesmo tempo que trabalhava um tema relativo aos povos excluídos, ele era capaz de expressar completo domínio da forma e gestualidade, quando trabalhava a beleza feminina, ou os elementos pictóricos que constituem a cultura popular, entre outros temas igualmente relevantes”.

Ele enumera, ainda, as diversas passagens e participações de Da Hora tanto nas artes, quanto na área política de Pernambuco. “Ele foi um grande incentivador na constituição de espaços para vivência entre artistas, a exemplo do Ateliê Coletivo, tendo, inclusive, sido seu dirigente por cinco anos. Ocupou com obras de arte diversos espaços públicos no Recife. Foi secretário de Educação e diretor da divisão de artes plásticas e artesanato da capital pernambucana. Fundou o Movimento de Cultura Popular, também em Recife, que abrangia artes plásticas, música, dança e teatro. A contribuição de Abelardo da Hora para a arte e a cultura perpassa o campo das artes plásticas”, completa.

O memorial paraibano dedicado à contribuição do artista pernambucano, portanto, vai além de sua contribuição como artista para a região. Vindo para João Pessoa, as obras acrescentam valor artístico ao ambiente artístico local, sendo também um marco não apenas para a capital paraibana, mas para o Brasil e para o mundo, como apontado por Parra. “Abelardo da Hora produziu uma obra conceitualmente potente e esteticamente primorosa. Sua obra representa um importante legado para a arte brasileira”.

A FUNESC NÃO PARA

Além do memorial, em 2021, a Coordenação de Artes Visuais pretende continuar com, pelo menos, dois outros projetos realizados anualmente, apesar da pandemia de coronavírus (que restringiu, por exemplo, o acesso presencial do público ao Espaço Cultural José Lins do Rêgo): haverá o Edital de Ocupação dos Espaços Expositivos, que conta com exposições de artes visuais, a maioria de artistas paraibanos, na Galeria de Arte Archidy Picado, e em mural que ocupa o Muro da Filgueira; bem como a sexta edição do *Panapaná – Novembro das Artes Visuais*.

O *Panapaná*, para Edilson, é certamente um dos principais eventos de Artes Visuais na Paraíba. “A partir dele, temos possibilitado que curadores de atuação relevante no circuito nacional de artes visuais dialoguem com os artistas participantes, realizando leitura de portfólios, curadorias de exposições e outras formas de vivências que resultam na orientação sobre elaboração de portfólios, desenvolvimento das pesquisas individuais e visibilidade para a produção contemporânea na Paraíba.

ARTE NÃO ESTÁ RESTRITA A TERRITORIALIDADE, AVALIAM ESPECIALISTAS

Alguns artistas paraibanos se posicionaram sobre a criação do Memorial Abelardo da Hora, reconhecendo a importância do pernambucano em relação ao seu legado.

Pesquisador e artista, Dyógenes Chaves inicia seu argumento partindo do princípio de que o bairrismo não deve ser considerado na arte. “O mais coerente seria o Governo de Pernambuco fazer isso, mas no fundo é uma bobagem se ater a essas questões territoriais”, diz o paraibano, que enumera algumas relações parecidas entre obras pelo mundo. “Uma das coleções mais importantes do concretismo brasileiro não está no Brasil, mas sim em Houston, Texas (EUA). O *Abaporu*, de Tarsila do Amaral, não está no Brasil, mas em Buenos Artes, na Argentina”.

Para Dyógenes, esta foi uma chance para a Paraíba dar continuidade à visibilidade de um artista nordestino, que tem importância em todo o mundo. “Eu percebo essa atuação como uma oportunidade. Abelardo da Hora sempre teve uma relação muito afetiva com a Paraíba”.

Chaves vê a estreita relação de Da Hora com a Paraíba desde a esposa do artista, Maria Lucena da Hora (1924-2010), que era de Guarabira (leia mais na página [__](#)).

“Desde a época das Capitâneas, costumamos fazer essas separações territoriais que levam a gente a acreditar que somos diferentes de



A preocupação social é um tema recorrente na obra do artista



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Obras de Abelardo da Hora integram acervo permanente da Estação Cabo Branco Ciência e Arte, em João Pessoa

► Pernambuco. Mas temos aproximações em diversos fatores, sejam eles culturais ou sociais”, argumenta.

Admirador do pernambucano, Dyógenes Chaves percebe Abelardo como um cooperativista, que liderava grupos de artistas voltados às conquistas de sua época, através do qual nasceu a Lei nº 14.239 (mencionada na página ___). “Inclusive, quando a gente conquistou o projeto dessa lei aqui em João Pessoa, fomos aconselhados a não cometermos os mesmos erros de Recife”, acrescenta o paraibano.

“Atualmente, portanto, é uma bobagem discutir questões territorialistas”, prossegue o pesquisador paraibano. “João Câmara é de João Pessoa e mora em Olinda há muitos anos. Roberto Lúcio também... Miguel dos Santos é pernambucano e mora em João Pessoa há anos”, exemplifica Dyógenes. “Por outro lado, o memorial serve como uma referência para a gente perceber a importância da realização de um espaço como referência para obras tridimensionais. Precisamos desse tipo de estímulo. É uma iniciativa que engrandece e, ao mesmo tempo em que é bom para a Paraíba, é melhor ainda para a história de Abelardo da Hora, porque não vai ser todo o artista que vai ter sua obra como um memorial”.

Chico Ferreira aponta a situação enfrentada com as obras de Abelardo da Hora de forma inversa à que aconteceu na década de

1970, com o paraibano radicado em Pernambuco, João Câmara. “Agora, ver a Paraíba fazendo isso com Abelardo da Hora é como uma forma de retribuição”.

O paraibano reconhece a iniciativa como um marco para a região, mas acrescenta a importância de buscar referenciar as artes visuais de outras formas, reconhecendo também artistas paraibanos. “Temos grandes nomes nas artes que não foram reconhecidos como mereciam em vida: Antônio Dias, Ariano Suassuna, Ivan Freitas são alguns exemplos. São filhos ilustres e extremamente importantes para o nosso patrimônio, e parece que a gente desconhece. O próprio João Câmara e Alexandre Filho, são alguns dos grandes artistas brasileiros atualmente. É importante buscar realizar algo em tempo, vivo na memória do artista”.

Logo, o Memorial de Abelardo da Hora se apresenta, também como uma novidade que deverá ampliar as discussões acerca das artes visuais, podendo resultar na promoção de outras iniciativas voltadas a outros artistas de relevância atualmente.

Cairé Andrade é repórter de cultura do Jornal A União. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

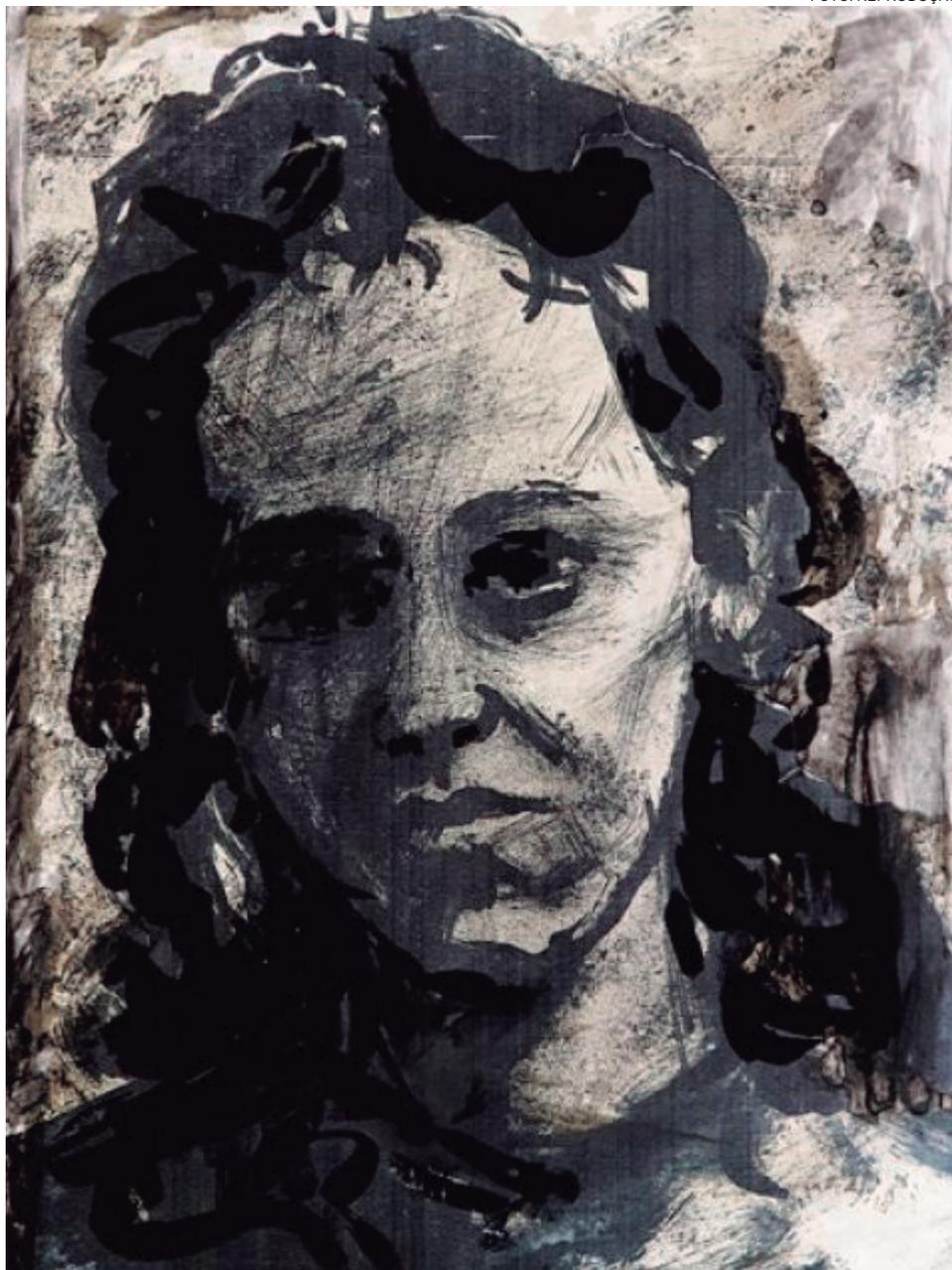
QUEM FOI

ABELARDO DA HORA

Abelardo Germano da Hora nasceu em 1924 na cidade de São Lourenço da Mata, em Pernambuco. Cursou Artes Decorativas no Colégio Industrial Professor Agamenon Magalhães. Ingressou na Faculdade de Direito de Olinda e frequentou o Curso Livre de Escultura da Escola de Belas Artes do Recife. Entre 1943 e 1945 foi contratado pelo industrial Ricardo Brenand, para trabalhar na Cerâmica São João, época em que realizou diversos trabalhos com motivos regionais. Entre 1955 e 1956, realizou, para a Prefeitura do Recife, diversas esculturas representativas da cultura popular, entre elas: “Os Cantadores e o Vendedor de Caldo de Cana”, no Parque 13 de maio, “O Sertanejo”, na Praça Euclides da Cunha.

Ele também participou da criação da Sociedade de Arte Moderna do Recife e fundou o Movimento de Cultura Popular. Abelardo ficou conhecido por retratar as mulheres e os temas regionais, se destacando como um dos maiores escultores do século XX em Pernambuco. Entre as obras de Abelardo da Hora estão: “Mulher Deitada”, no Shopping Center Recife, “Mulher Sereia”, no Mar Hotel, “Monumento ao Maracatu”, próximo ao Forte das Cinco Pontas, “Monumento ao Frevo”, na Rua da Aurora e outras.

O artista morreu no dia 23 de dezembro de 2014, no Recife.



A POESIA MODERNA DE
**Margarida
Lucena da Hora**

Retrato de Margarida da Hora em óleo sobre tela: artista nascida na Paraíba mudou-se para Pernambuco, onde conheceu Abelardo e com ele se casou, tendo, o casal, sete filhos

**Antônio Alves
Daniel da Hora**

Especial para o *Correio das Artes*

Nascida aos 16 de abril de 1924, no Engenho Juá, município de Guarabira, na Paraíba, Margarida Lucena da Hora “pernambucanizou-se” em 1944, quando prestou exame de vestibular

para a Faculdade de Direito do Recife. A escritora foi casada com o escultor Abelardo da Hora (1924-2014) a partir de 1948, com quem teve sete filhos. ▶

► Margarida foi sócia fundadora da ABDE – Secção de Pernambuco, hoje UBE – União Brasileira dos Escritores; advogada, membro da OAB – Pernambuco, de onde foi conselheira na gestão de 1995 à 1997.

Em seu trabalho como escritora, colaborou com diversos periódicos, como o Jornal do Commercio (PE), o Diário da Noite (PE), o Jornal da OAB-PE, e o Jornal Pequeno (PE); e também com algumas revistas, como a Horizonte, Continente, Revista Branca (RJ) e Revista Francachela de Buenos Aires (Argentina), tendo

inclusive seus textos traduzidos para o espanhol.

Margarida é dona de uma poesia modernista de propriedades muito autênticas, e que revelam seu olhar sobre a vida, o mundo, os mistérios e a morte.

Criando um universo de imagens e personagens que podemos encontrar ao nosso redor, a poesia de Margarida Lucena nos transporta para as angústias humanas de uma maneira crua e visceral.

Revela uma verdade de quem vive as dores e as alegrias do dia-a-dia de forma plena, se entregando, sem medo, ao que pode

vir, mesmo que isso traga sofrimento e sentimento de solidão, tão típicos dos poetas.

Por fim, podemos conhecer mais sobre Margarida em outras publicações como a “Poesia Viva do Recife” e a Enciclopédia Brasileira contemporânea. Margarida nos deixou aos 17 de novembro de 2010, mas sua obra vive e merece ser celebrada e divulgada sempre.

Antônio Alves é professor e mora em Recife (PE). **Daniel da Hora** é neto da Margarida da Hora, diretor de arte, professor e designer gráfico. Também mora em Recife (PE).

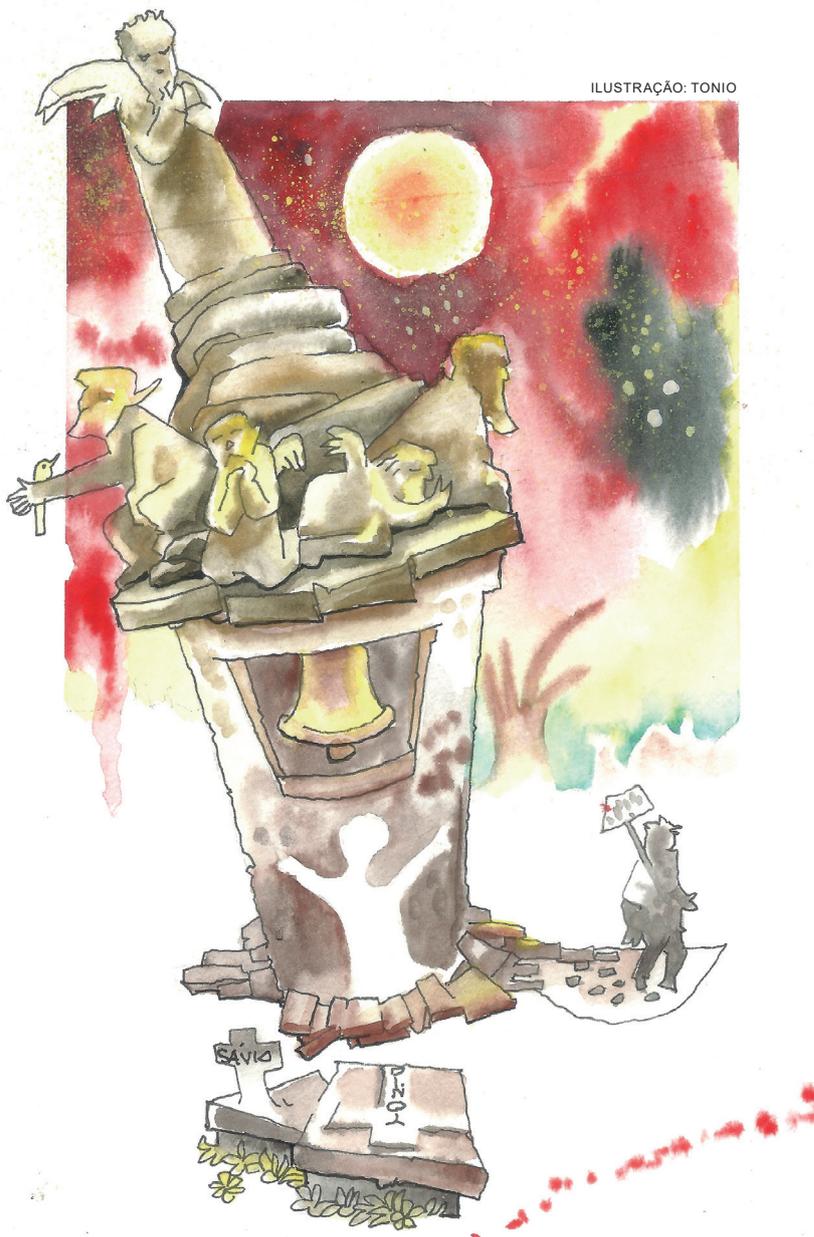
POESIA

Margarida Lucena da Hora

Chama da minha vida

Quando os olhos acendo
Para a primeira luz
Que desce da manhã,
E deixo a fronteira do sono
Pelo chão e pela semente,
Fica em meus cabelos
Ainda por longo tempo,
Com a sombra derradeira
Que se esconde na parede,
Um bater de neblina,
O roçar de outro vento.

Não sei em que estrela
Refleti
A face da minha angústia.
Em que pedra gravei
Minha mensagem fugaz.
Em que catedral
Fechei
A chama de minha vida,
Que incessante se consome
Até descer à terra silenciosa.



Noite e Vigília

Na vigília se faz medo a incerteza,
Do quanto, do tempo do visível,
Até descer à casa do invisível,
A luz, a memória, o pensamento.

No telhado, chega o sol e se despede;
Cintila mais uma noite nos seus astros.
Sem fronteiras, ventura e desventura,
Iluminam e deixam sulcos sobre o corpo.

Incerteza entre os anos e o sonho,
Com palavras reinvento o infinito.
No retorno, sem a chave, sem a porta;
Faço e refaço meu silêncio.
(26 de dezembro de 1983)

Elegia - Araguaia

Dentro da selva
Na boca mais escura,
Há um homem morto
Com a face aberta para o sol.

Os pés trancados em correntes
O corpo mutilado,
Adormece
No limite do chão.
Seu pensamento ousado
Vagueia
Livre
Entre as muralhas.

Jovem no sonho,
Não viu a face do medo
Nem sabe o ódio
Que, da sombra,
Espreitava de tocaia.

Os cães há muito se afastaram
Perdidos, sem roteiro.
Mas, um rastro de sangue
Brilha
No caminho aberto.

Poema ao Vendedor de Pirulito

Uma mancha de sombra no chão secular,
Um traço de poeira no céu todo azul,
Acordes tirados de lábios famintos,
Distante harmonia ferindo o silêncio.

O sol na calçada enxuga teu pranto
Que cala e se perde no chão e na pedra.
Teu passo é caminho de tempo e de luta,
Teu canto, pregão, enfeite a miséria.

Os homens não sentem a muda censura
Que cobre teu rosto de adulta tristeza
E fere teus membros, menino sem lar.

Os homens não vêem a trágica beleza
Que moram em teu corpo pesado de andrajos,
Vestido de sons que chora teu peito.

Margarida Lucena da Hora. Nascida Margarida Maria de Sampaio Lucena foi uma escritora, poeta e advogada. Foi sócia-fundadora da ABDE - Seção de Pernambuco (atual UBE - União Brasileira dos Escritores). Também foi membro da OAB - Pernambuco, de onde foi conselheira na gestão de 1995 à 1997. Nasceu em Guarabira (PB) e faleceu em Recife (PE), aos 86 anos de idade.

“Sim, SOU UM SER UTÓPICO.”

VENCEDOR DO PRÊMIO JABUTI 2013, ADEMIR ASSUNÇÃO FALA SOBRE SUAS INSPIRAÇÕES, A INFLUÊNCIA DA CRÍTICA LITERÁRIA SOBRE O FAZER POÉTICO E AVALIA SUA PRÓPRIA CARREIRA



FOTOS: DIVULGAÇÃO

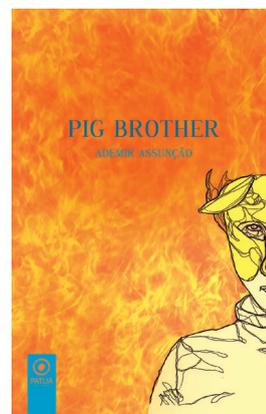
Ademir: “Quanto mais o poeta está aparelhado, quanto mais conhece os mecanismos da sua arte, mais chances tem de fazer uma grande poesia”

Sérgio de Castro Pinto
Especial para o *Correio das Artes*

O poeta paraibano Sérgio de Castro Pinto conversou sobre a carreira e as influências do colega paulista, Ademir Assunção, vencedor do Prêmio Jabuti 2013 com a obra *A Voz do Ventriloquo* (Melhor Livro de Poesia daquele ano). Seu livro seguinte, *Pig Brother*, ficou entre os finalistas do prêmio literário mais importante do país, em 2016.

Nascido em Araraquara, Ademir Assunção, além de poeta, é escritor, jornalista e letrista de música brasileira (é dele, por exemplo, a letra da canção ‘Ouça-me’, parceria entre ele e Itamar Assumpção, regravada por Ney Matogrosso).

É autor de 14 livros até o momento. Eles transitam entre a poesia, ficção e jornalismo. Assunção também figura em mais de uma dúzia de antologias e também é um dos editores da revista literária *Coyote*, junto com os poetas Rodrigo Garcia Lopes e Marcos Losnak.



Capa de 'Pig Brother', livro que ficou entre os finalistas do Prêmio Jabuti 2016

A Entrevista



Aponte a câmera de seu smartphone e acesse o site de Ademir Assunção

– No poema “Armadura em carne mole”, o eu lírico age como um mensageiro da utopia. A epígrafe de Sérgio Sampaio ratifica o poema. Apesar dos pesares, você é um mensageiro da utopia?

– Se utopia significa uma sociedade mais justa, agradável e menos doentia, sim, sou um ser utópico. Porém, penso que isso não é uma utopia; é algo possível. Mais: se comunismo significa que todos os habitantes do planeta tenham aquilo que precisam, sou comunista. Não quero conforto e

prazer apenas para mim. Quero para todos. Não preciso de um carrão do ano para suprir uma possível insegurança fálica. Preciso de um veículo que me leve e traga, com algum conforto e segurança. Buckminster Fuller disse há mais de 50 anos: “Não estamos no tempo da posse; estamos no tempo do uso.” Carros, por exemplo, poderiam ser utilizados como as bicicletas de uso coletivo que existem nas grandes cidades. A pessoa precisa de um, pega, utiliza e deixa com as

► chaves no contato para a pessoa seguinte que precisar dele. O ser humano tem coisas realmente importantes para se ocupar – e já existem os infortúnios naturais da vida: a perda de pessoas queridas, a doença, a impermanência neste mundo. Ter que se preocupar se vai ter dinheiro para pagar o aluguel no fim do mês ou, mais trágico ainda, se vai ter o que comer no dia seguinte, é uma monstruosidade, que deveria envergonhar a toda a espécie. O dinheiro existe para ser usado pelos humanos e não o contrário. O humano é mais importante do que o dinheiro.

– Você utilizaria a frase de Sérgio Sampaio para epigrafar as páginas dos dias de hoje?

– Pois é, o verso “O pior dos temporais aduba o jardim”, do Sérgio Sampaio, pode ser visto de forma muito atual. O utilizei como epígrafe do livro *A Voz do Ventriloquo* aludindo, em parte, a temporais que eu pessoalmente estava atravessando. Esse verso tem um sentido zen para mim: suporte as adversidades e aprenda com elas. Pode ter um sentido mais social também, especialmente neste momento terrível que atravessamos no país, com as mentiras, violência e estupidez da aliança fascista-miliciana-evangélica (estou me referindo especialmente aos neopetencostais que pregam o ódio e a vigarice em nome de Deus – os que não são assim, não se sintam atingidos). Pessoalmente, acredito que não precisávamos passar por este temporal. Mas já que ele chegou, é uma boa oportunidade para aperfeiçoarmos nossos radares a fim de neutralizá-lo a tempo, antes que venham outros e antes que causem grandes tragédias.

– Até que ponto a música influenciou a sua poesia?

– Muito. A poesia da canção popular, de certa forma, até me educou bastante, do ponto de vista estético, afetivo, emocional e político. Temos a sorte de viver em um país com uma tradição riquíssima de poetas que cantam seus poemas. De Cartola a Sérgio Sampaio, de Edvaldo Santana a Rita Lee, de Raul Seixas a Mano Brown. Agora, cada vez mais, estão chegando poetas mulheres.

Aprendi e continuo aprendendo com a maneira que os cantores ou cantoras emitem e dividem suas frases, com a maneira que fazem o idioma cantar.

– A leitura da teoria literária ajuda o poeta?

– Sem dúvida. Quanto mais o poeta está aparelhado, quanto mais conhece os mecanismos da sua arte, mais chances tem de fazer uma grande poesia. Mas penso que é preciso relativizar um pouco essa “teoria literária”. Há muitos poetas populares que nunca ouviram falar de Roland Barthes, Jacques Derrida ou Antônio Cândido e fazem uma poesia vigorosa, criativa e surpreendente. Não creio que seja algo simples dominar estilos como o martelo agalopado, por exemplo. A teoria literária nos ajuda a refletir com mais profundidade sobre a arte da palavra e seus desdobramentos, mas não produz, automaticamente, grandes poetas.

– As vanguardas – o Concretismo e seus desdobramentos – repercutiram na sua formação de poeta?

– Sim. A poesia concreta me ensinou a perceber que a palavra não é simplesmente um relato de uma experiência, seja intelectual, emocional, física ou tudo isso junto. Palavra é linguagem. Ela tem dimensões sonoras, visuais, táteis até. Quando me deparei pela primeira vez com um poema concreto, na minha adolescência, pensei: “caramba, mas a poesia também pode ser feita dessa forma?” Foi uma experiência de liberdade, de ampliação imensa do uso da palavra. Tenho interesse pela ousadia, pelo rompimento de limites, de outras vanguardas, não apenas da poesia concreta. Procuo, sempre, me servir de todas as possibilidades abertas pelas vanguardas que nos precederam – e não de servir a elas.

– Quando você se descobriu poeta?

– Quando era criança, ali pelos

7 anos de idade – me lembro vividamente disso –, eu ficava encantado com os versos que ouvia no rádio: “Eu vou em caras de presidentes / em grandes beijos de amor / em dentes pernas bandei-ras / bomba brigitte bardot”. Não entendia aquilo, não sabia que era poesia, mas ficava intrigado com aquelas palavras usadas daquela maneira. Parecia bem diferente do uso cotidiano. Porém, só me interessei por poesia mesmo por volta dos 15 anos, quando um amigo me mostrou a tradução de um famoso poema do norte-americano Robert Frost: “A trilha que não tomei” (*The road not taken*). Passei a frequentar a biblioteca pública e a ler Drummond, Bandeira, Augusto dos Anjos, Mário Quintana, Oswald de Andrade, com grande prazer – e não mais como obrigação escolar. Um mundo novo se abriu diante de meus olhos. Só decidi a também escrever poesia quando ouvi Jimi Hendrix tocando e cantando “Hey Joe” (composição de Billy Roberts). Pensei no ato: “Quero escrever com esta eletricidade”. Quase ao mesmo tempo conheci a poesia de Torquato Neto e de Paulo Leminski. Aí foi identificação total.

– Qual a diferença entre o primeiro Ademir Assunção, o poeta do livro de estreia, e o do livro mais recente?

– Correta ou incorretamente, gosto de pensar que continuo mantendo acesa a chama do inconformismo e da inquietação (estéticas, inclusive). Amo a frase de Mário Quintana: “um poeta satisfeito não satisfaz”. Talvez hoje a minha poesia esteja mais madura, talvez eu tenha mais domínio dos meios que uso. Quem pode dizer isso, melhor do que eu, são os meus leitores. Vale dizer que demorei um bom tempo para publicar meu primeiro livro, *LSD Nô* – foi aos 33 anos de idade. Antes disso, passei longos anos lendo, escrevendo, treinando, para só entrar em campo quando tivesse alguma certeza de que não iria fazer feio. ✖

Sérgio de Castro Pinto nasceu em João Pessoa (1947), onde reside. É poeta, jornalista e professor de literatura brasileira da UFPB. Publicou vários livros de poesia, entre eles, *Gestos Lúcidos* (1967), *A Ilha na Ostra* (1970) e *Zôo Imaginário* (2005).

'A voz do ventríloquo', de Ademir Assunção

Sérgio de Castro Pinto

Tantas são as peripécias do eu lírico para enfrentar as tormentas, as borrascas, as procelas do dia a dia, que os poemas de "A Voz do ventríloquo", de Ademir Assunção, soam como épicos da alma. Mas épicos da alma porque na atmosfera intimista que os envolve se infiltra uma "corrente subterrânea coletiva".

Algumas vezes já me utilizei de uma frase que Manuel Bandeira tomou de empréstimo a Wagner: "(...) numa de suas páginas, Wagner contou nunca exprimir o que via, mas o que sentia a propósito do que via, quando a maioria dos poetas conta apenas não propriamente o que veem, mas o que leem". Em outras palavras, distingue-se aqui os poetas que impregnam os seus poemas da "marca suja da vida" em oposição àqueles que se abastecem tão somente das vertentes livrescas, das elucubrações de gabinete.

No texto de abertura de "A Voz do ventríloquo", o leitor se depara com a seguinte observação: "Com a legítima curiosidade de toda criança, Poesia puxou a calcinha e viu que era diferente de Prosa. Ficou encantada com a diferença. Mas, com o tempo, o que era encantamento virou vaidade. Prosa, sentindo-se entediado, caiu no mundo com uma traficante colombiana. Poesia, envaidecida, passou a se preocupar demasiadamente consigo mesma e se esqueceu do humano. Então, o humano virou as costas e foi ao teatro. E Deus, que olhava toda a cena, apertou o gatilho".

A mim me parece que o texto acima, ao seu modo – e modo bem original, diga-se

de passagem –, possui o mesmo significado da frase de Wagner utilizada por Manuel Bandeira, qual seja a de que a poesia, quando se compraz consigo mesma e vive na contemplação do próprio umbigo, apenas se espolja nos estreitos limites do virtuosismo verbal, da pirotecnica, ao tempo em que relega a condição humana a um segundo plano. E quando tal acontece, o humano vira as costas e vai ao teatro, donde se depreende que o poeta dá de ombros para os problemas cruciais do seu tempo, do contexto em que vive, na medida em que articula um discurso postiço, teatral, ornado por todo tipo de berloques e de balangandãs. É quando a *forma* passa a ser o *conteúdo* do poema, o que não ocorre em "A Voz do ventríloquo", onde o eu lírico investe maciçamente no aspecto formal do texto sem fazer ouvidos moucos ao "estéril turbilhão das ruas".

Lançado em 2012, "A Voz do ventríloquo" tem como epígrafe um verso do compositor Sérgio Sampaio: "O pior dos temporais aduba o jardim". Quer dizer, embora o eu lírico testemunhe uma realidade dantesca, trevoza, ele não descarta de todo a perspectiva do surgimento da primavera, convertendo-se assim naquilo que Adorno denominou de "Stalthalter", artista lugar-tenente da utopia, mensageiro da utopia, conforme ratifica o poema "Armadura em carne mole": "deus me salve da idade madura,/ e me sirva o que passa, a brisa/ que perdura, gesto escrito com/ brasa, pintura além da moldura,/ deus me salve, não me serve, o/ amarelo que logo apodrece, a boca/ coberta de musgo, não é isso/ que almejo, os cravos de Cristo, o/ fraco



A Voz do ventríloquo: o eu lírico investe no aspecto formal do texto, sem fazer ouvidos moucos ao "estéril" turbilhão das ruas"

pulso do amortecido, persigo/ o que persiste, no ontem,/ no quando, no não-sei-onde, um/ texto-percevejo, traça que rói/ a couraça, torre de onde avisto/ e percebo, o não-visto que sempre provo, quanto menos prosa/ trovo, a língua que travo/ trinca, recolho a vida em verso, e/ transmuto treva em rosa".

"Armadura em carne mole" mescla metalinguagem e vida, pois ao tempo em que o eu lírico expõe ao leitor a sua concepção de poesia, demonstra a necessidade de deitar raízes no aqui e no agora, sentindo a brisa que passa, passa mas perdura, persiste, para recolher vida em verso e transmutar treva em rosa. Ou seja, rosa adubada pelo tédio, pelo nojo e pelo ódio, mas de qualquer modo rosa, tal e qual a flor que irrompeu no asfalto do poema drummondiano.

Poemas de Ad

Armadura em carne mole

deus me salve da idade madura,
e me sirva o que passa, a brisa
que perdura, gesto escrito com
brasa, pintura além da moldura,
deus me salve, não me serve, o
amarelo que logo apodrece, a boca
coberta de musgo, não é isso
que almejo, os cravos de Cristo, o fraco
pulso do amortecido, persigo
o que persiste, no ontem,
no quando, no não-sei-onde, um
texto-percevejo, traça que rói
a couraça, torre de onde avisto
e percebo, o não-visto que sempre
provo, quanto menos prosa
trovo, a língua que travo
trinca, recolho vida em verso, e
transmuto treva em rosa

do livro A Voz do Ventriloquo (2012)

Terapia de vidas futuras

quando a vida zera, quando tudo
terminar, quando a nave
estiver pronta, quando o ponto for ponto
final e, entretanto, o bilhete
de passagem não tiver
destino, rumo, nem direção — quantos
amores, quantos odores, as peles,
as mulheres, os homens, os cães
— e nesse momento fugaz, os senões
serão somente nadas, sermões,
ilusões, frases que se perderam
na fumaça dos cigarros, as fissuras,
as firulas, as ranhuras, guerras travadas
na penumbra das nuvens não vistas,
e no fim do corredor, aquele ponto, um
porto tão inseguro, onde navios
bêbados atracam, seduzidos
pelos silvos das sereias, sob
o obelisco silente das estrelas, tão
belas músicas das esferas

do livro Zona Branca (2001)

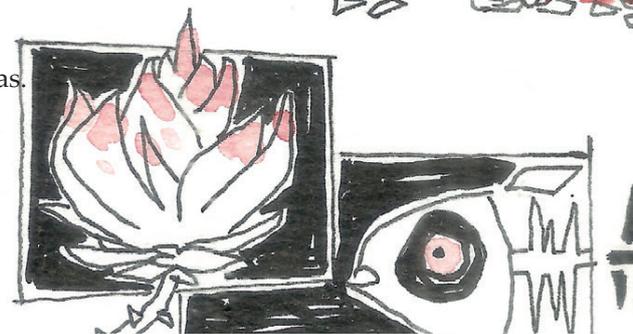
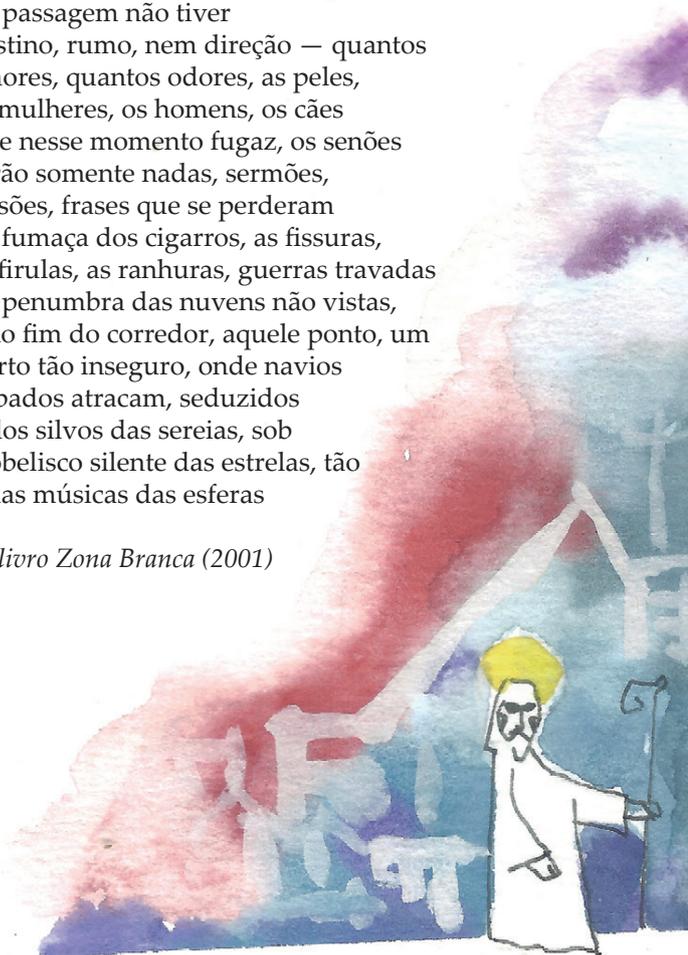
As ruas estão estranhas esta noite

Pétalas destroçadas tingem a noite de vermelho.
Mister Morfina se arrasta pelas ruas,
os bolsos cheios de câmaras de ar furadas,
tranqueiras e cacos de vidro.
Peixes coloridos saltam sob a luz dos semáforos.
Uma Rosa cospe um blues na poça das sarjetas.
Um Opala caindo aos pedaços
bate de frente
no Monumento aos Desesperados Anônimos.

O vidro do aquário se estilhaça.
Os peixes fogem montados em motocicletas envenenadas.
Orelhões suicidas gritam palavras obscenas
para velhinhas traficantes.
Mister Morfina acende um cigarro
e observa a palidez de 50 top models
que desfilam descalças
na passarela cheia de cacos de vidro.

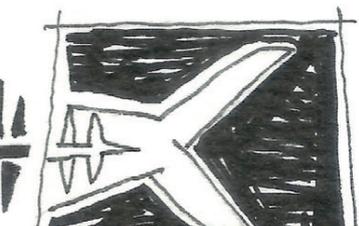
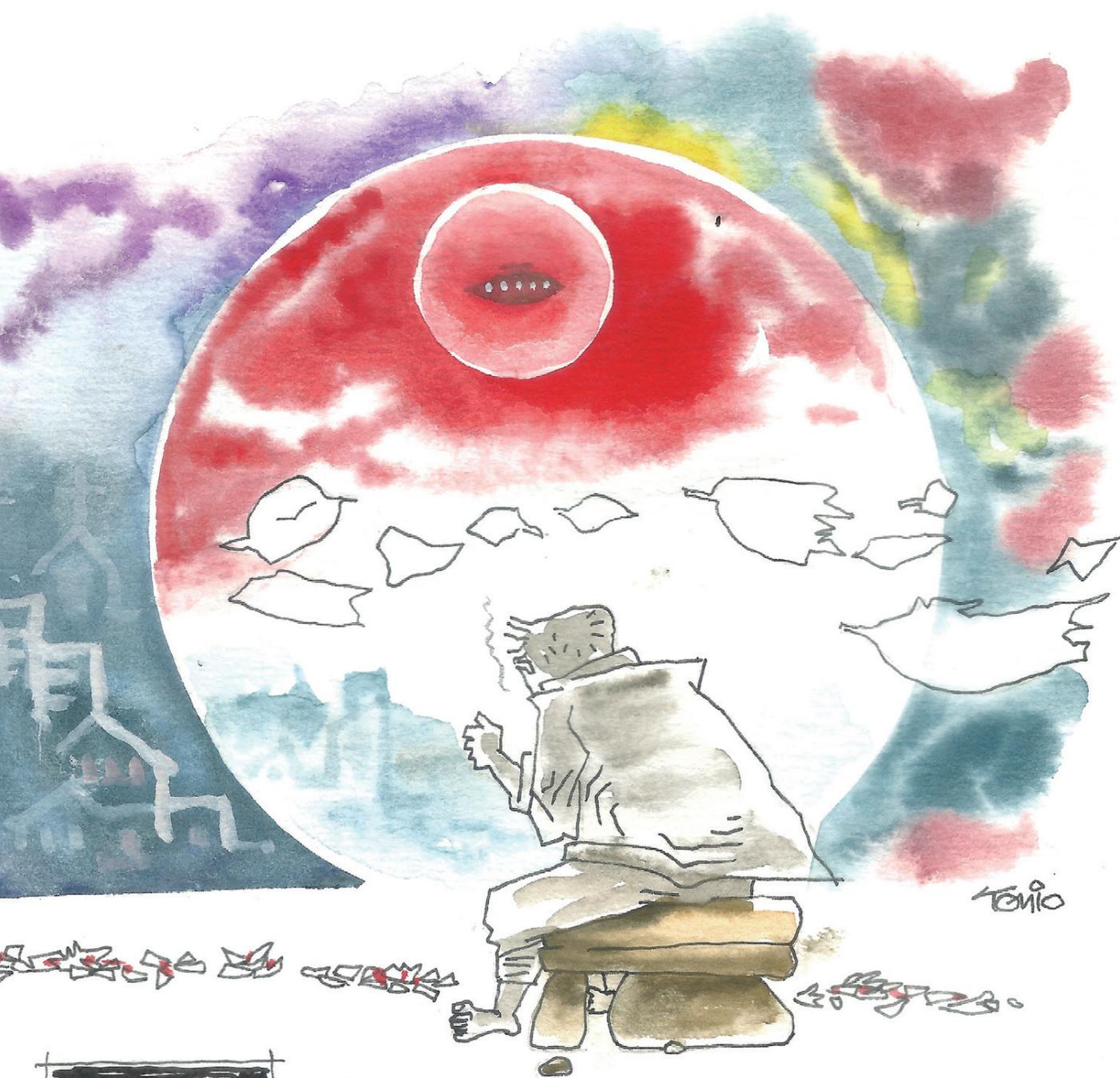
Deus está solto.
E dizem que Ele está armado.

Do livro Pig Brother (2015)



Ademir Assunção

ILUSTRAÇÃO: TONIO



Ademir Assunção nasceu em 1961. Poeta e jornalista, publicou livros de poesia como *A Voz do Ventriloquo* (2012 - Prêmio Jabuti 2013 - Melhor Livro de Poesia), *Pig Brother*, *Até Nenhum Lugar* (ambos em 2015), *A Musa Chapada* (em parceria com Antonio Vicente Pietroforte e Carlos Carah, 2008) e *Zona Branca* (2001), entre outros. Lançou CDs de poesia e integrou, pelo menos, uma dúzia de antologias, entre nacionais e internacionais. Mora em São Paulo (SP).



Francisco Marcelo Cabral:

PALAVRAS SÃO PORTAS DE SAÍDA

Ronaldo Werneck
Especial para o *Correio das Artes*

// No Brasil, é tempo de grandes poetas oitentões, como ele e Ferreira Gullar, que já completou os seus em 10 de setembro. E ainda de seu amigo Mário Faustino, que seria também octogenário a partir do último dia 22 de outubro". Era assim que eu começava uma palestra que fiz – lá se vão dez anos – em 18 de novembro de 2010 na sede do Pen Clube do Brasil, no Rio, quando dos oitenta anos do poeta Francisco Marcelo Cabral (Cataguases, 1930 – Rio de Janeiro, 2014). Reescrevo e amplio agora esse texto, com a adição de alguns de seus admiráveis poemas, em homenagem aos 90 anos que o poeta teria feito em outubro último.

Escrevo a língua do meu avô/ sem sua permissão,/ por isso busco apenas seduzir/ os fantasmas que me visitam/ por isso venho até o rio/ para olhá-lo nos olhos/ e numa canção inaudível/ berçar os seres amáveis que o habitam. // Marquei meu campo ali lavado pelos rios/ onde a curta vida se escol/ – transferindo/ o ouro do meu viço ao vórtice das palavras,/ – e a mina da poesia vai se exaurindo.

Poetas não morrem. Parece que perecem, mas pairam perpétuos, precisos – por seu porte, palavras, poemas. E Francisco Marcelo Cabral tinha com certeza toda a permissão de escrever – e escrever bem como poucos – a língua do seu avô. Faz falta o que o poeta ainda fazia, é certo. Mas falta também o que o Chico Marcelo/ Chiquinho Cabral, como era conhecido entre seus muitos amigos, nos ensinou ao longo de sua existência. Sua fala rápida e cadenciada, suas instigantes, inesperadas observações, seu permanente bom-humor, sua compreensão da vida, seu enorme conhecimento. Intelectual como poucos, ele sabia de tudo um pouco. ▶

► O que fica mesmo é o impacto, a força da simplicidade de suas palavras, de seus poemas mais-que-perfeitos. O seu despojamento, essa sua dicção absolutamente particular, como no poema de abertura de *Cidade Interior* (2007), seu penúltimo livro: *é onde à noite os medos / .../ cortam as luzes das ruas / .../ as pisadas no tambor dos pesadelos / .../ (e onde os mortos rumorejam pelas grotas) / .../ uma cidade para sempre estacionada/ no poema – falsa e inesquecível. Ou Todo poema é celebração/ mesmo não lido./ Todo poema é de amor/ mesmo perdido./ Todo poema fica por aí/ mesmo esquecido.* Não, não ficam esquecidos. Não se poemas como aqui, nesta em si clari/cidade: *antes que o sol mergulhe e se apague no mar.* Daqui, poema nenhum, nenhum sol será apagado.

Francisco Marcelo Cabral foi/é um poeta-perguntador e por isso mesmo capaz de articular respostas essenciais, de nos propor descobertas: “as palavras são portas de saída mas não de entrada. A emoção ou conceito, presentes num texto, são de quem o lê e não mais apenas de quem o escreveu”. A exemplo de fragmentos como esse de seu último livro, *Campo Marcado* (2010), em que podemos (re)ler e (re)assumir a emoção que ressurge a cada poema: *A luz e o silêncio em mim sabem a vida/ e quando respiro tudo o que não entendo faz sentido.*

BANDEIRA & ROSA

Ao poeta de Cataguases,/ Autor do belo Centauro,/ O Poeta Manuel Bandeira/ Envia um ramo de lauro,/ Saudando-o desta maneira/ Às futuro entre outros ases! O poemeto de Bandeira é de 1949, ano da publicação de *O Centauro*, o livro de estreia do jovem poeta Francisco Marcelo Cabral, então com 19 anos. São, na verdade, “antenados” os poetas (evoé, Pound!), mesmo aqueles que se dizem “menores”, enquanto grafam na maior, e com maiúscula, o seu epíteto. Às futuro entre outros ases! – saúda um muito do exclamante Bandeira, antecipando a rica trajetória de FMC nas próximas seis décadas. Poucos livros publicou o poeta desde então, mas todos definitivos. E eles o colocaram ombro a ombro com os ases de Cataguases, aqueles rapazes que fizeram a Revista Verde e projetaram a cidade na história do modernismo. O “ramo de lauro” de Bandeira foi devidamente assentado na cabeça de Cabral, que passou a ostentá-lo vida afora com toda a dignidade do poeta singular que foi, que é.

No Rio dos anos 1950, o poeta trabalhou no Serviço de Imprensa do Ministério das Relações Exteriores, onde conheceu Guimarães Rosa e se tornou seu amigo. Foi um dos primeiros leito-

res de *Grande Sertão: Veredas* e *Corpo de Baile*, em fase final de elaboração, tendo acompanhado de perto a datilografia dos manuscritos. Daquele período, tem guardado até hoje os originais de seu livro *Pedra de Sal* (que acabaria por ser um dos livros a compor o seu *Livro dos Poemas*, de 2003) repleto de notas e comentários do autor de *Sagarana*:

“Este Sagarana para o Marcel Francisco Marcelo Cabral que, na ocasião (1946), eu ainda não sabia que conhecia; – e que, mesmo por isso, depois vim a conhecer demais; isto é – Amigo – e, em meu entendimento de amizade, o Guimarães Rosa. Rio, 1956”. Cabral guardava ainda um telegrama sem data recebido de Rosa: “Dr. Marcel Ovate Cabral – Praia de Botafogo – Cataguases ponto exclamação Nossa Vitória etcetera e glória ponto Cantado o peixe vivo Exultarei séculos Guimarães Rosa”. E, fruto da amizade, ele acabou por dedicar alguns poemas ao “Marcel Ovate Cabral”:

Ódiamarcel
Guimarães Rosa

Quando as luzes e o azul se converterem em sincera distância, mais que ausência, e, à paz de frios céus de nova infância, no suar, floresta e fogo se ajuntarem.

Então, Marcel, poeta, vate insano, desirmanado e escasso produtor, traduzindo epistáxis e troiano docemente das lágrimas da gente,

poderás. E, podendo, será mente e matéria – veneno de serpente, bagaço mineral incandescente. Assim, dirão, convém Marcelo tente acertar a emoção, atentamente, para que sua musa de alabastros cante o que na vida val: metal sonante!

I
Quando o fim se fizer novo roteiro e a ternura que é nossa for diversa: passado trespassado de esperança, temperada ilusão, violência mansa, minha vida na tua se dispersa e a poesia dá uívos no tinteiro.

II
Marcel – que sejas sempre bom mineiro navegando mancebo em ondas baixas e calada a paixão que porventura te instigue a queimar de uma criatura o corpo (tarado não és, se achas: carvão: amor em estado verdadeiro). ►

▶ GRUNEWALD, DRUMMOND & ALGUNS POEMAS

Eu seu livro *Pedras de Toque da Poesia Brasileira*, espécie de mini-dicionário de versos-verbetes lançado em 1996, o crítico e poeta concreto José Lino Grünewald coloca em destaque vários dos “versos cintilantes” de seu amigo Francisco Marcelo Cabral, como: *Cintilarás em páramo, turquesal/ a fulgir sobre o esgalgo cogumelo/ entreaceso na fenda do horizonte*. Então, vamos a alguns desses poemas, às pedras de toque da mágica artesanaria de Chico Cabral.

*Que lucrei? Um verso.
Que fazer? cantar.
Mas se há dor? que importa!
A dor é só instrumento.*

“A dor é só instrumento”, verso que Carlos Drummond de Andrade já destacara em carta para o poeta, de 19 de dezembro de 1949: “Creio que você tem coisas a nos dizer. Elas já estão anunciadas neste Centauro (“O Centauro”, seu primeiro livro). Quando você usa expressões como “as dobras do não dizer”, quando, para descrever um homem sob a chuva, diz que ele vai ‘vestido de água corrente’. Sinto que aí tem coisa. Não jogue fora essa coisa, Francisco Marcelo Cabral. Cultive-as, apure-as, dê-nos boa poesia; estamos tão precisados!”.

*Temo jamais ter merecido
as asas dos meus versos.
Às vezes eu as desprendo – é noite, é Minas –
E como quem espreguiça
num largo espasmo
alço-as e me vou, ou sou levado
voando, me vou.*

O poeta de *O Centauro* trazia na verdade a sutileza de um Poeta-Pégaso: asa, ave, voo são suas maiores marcas, temas que se alçam – *um ligeiro adejar de asa acesa*, também citado nas *Pedras de Toque* de por Zé Lino –, recorrentes em sua poética. Paisagem que do alto avista o Poeta-Pégaso, como num dos versos-exemplares do poema *Água Forte: o sol o chão cobre de ouro e ocre*. Drummond tinha razão: “aí tem coisa”. E a boa poesia por ele pedida a Francisco Marcelo Cabral espalhou-se vida afora, como nessa pequena montagem que me permiti fazer de alguns dos poemas e fragmentos de seus vários livros. E no momento em que transcrevia seus poemas era como se eles de mim assomassem e se desprendessem – como se voassem. Vamos então a eles, a esses cintilantes *punti luminosi* dos poemas de Francisco Marcelo Cabral.

“Suerte suprema”
Para Lina Tâmega Peixoto

*Picar o poema
até que
– exausto –
estaque.*

*“Cuadrar” o poema
para o estoque*

*que o penetre
e libere
o jorro incruento da poesia.*

Pedra
*Escrevemos
Porque sabemos
que vamos morrer.*

*Escrevemos
porque não sabemos
por quê.*

Ars poética
Para Lélia Coelho Frota

*O leitor se assenta
o poeta puxa a cadeira
a poesia é o tombo.*

*O leitor se enleva
o poeta o empurra no abismo
a poesia é o voo.*

*O leitor se esquece
o poeta o sacode aos berros
a poesia é o susto.*

*O leitor é a ninfa
o poeta, o fauno no cio
a poesia é o gozo.*

Este momento tem nome
*Este momento tem nome: êxtase.
A luz dura do sol no teu olho cerrado
o zumbido de insetos delicados,
o ácido sal da vida,
o pulso e o ritmo ofegante do ar que te penetra*

*Submerges nesta fresta do tempo
e sentes o universo tocando o teu ser,
tão íntimo que o podes separar em fruto e semente
tão sem limites em suas onze membranas
que nele tudo cabe inumeravelmente,
tão diversamente o mesmo que não te contém e contém.*

*Não estás morrendo, sossega.
Apenas navegas em estilhaços
como a estrela que explode na constelação do Centauro. ▶*

Os poemas o colocaram ombro a ombro com os ases de Cataguases, aqueles rapazes que fizeram a Revista Verde e projetaram a cidade na história do modernismo.

▶ **Inexílio II**

*Todo poema é denúncia e celebração
mesmo não lido
Todo poema é de amor
mesmo traído
Todo poema fica por aí
mesmo esquecido*

Bandeira

*Poesia,
quero-te assim
nuinha:
noiva na cama,
pedra, faca
fora da bainha.*

O menino e eu

*Disfarçado com meu rosto e roupas caseiras
caminho pela Avenida Atlântica enquanto cai a tarde.
Anda comigo um menino familiar, amigoso e alegre,
cruzando seus passos com os meus
num jogo que muito o diverte.
Pergunta coisas antigas e precisas:
a cor das chamas do sol,
os brilhos corais da areia
e esse barulho que não cessa
do grande pulmão do mar.
Não sei o que lhe dizer, agora que as descobertas repousam
em quieta contemplação,
agora que o toque das coisas eu posso sentir
latejando no meu pulso,
enquanto desfruto
– agora que não mais pergunto –
de tudo o que repercute em mim.*

*O menino não cresce enquanto caminhamos.
Vai-se confundindo comigo na humilde capacidade
de gozar do por-de-sol que nos envolve,
até que a luz extinta da noite
nos torne um só ser invisível.*

Louvação das damas magnas

*As asas de cetim de Gilka, o ardor de Adélia,
o missal de Henriqueta, o céu verde de Astrid,
as dalias de Cecília, os meninos de Lélia
e de Olga os entes vegetais,
– nelas reside
poderosa matriz do poema e seus véus
que em Lina mais se exacerba – sombra no sol.*

*Mães fecundas das palavras feridas
no papel, nos olhos
e nas lentas auroras
que tiram pelas jubas verdes os felinos do mar*

*Deito-me nos nichos
de seus poemas, e estar ali é a razão de estar ali,
sorvendo o sal que as conchas diluem em sua linfa.
Ave, madonas donas dos ritmos e timbres
e da sutil textura do tecido inconcreto
em que bordam palavras como roupas de bodas
manchadas do suor amoroso da entrega.*

*Ave artesãs do poema
único senhor a que servem,
fêmeas arrebatadas
pelo cio do cisne celeste, pelo sêmen
da chuva de ouro,
e o vigor de touro do deus macho.*

Cataguases

*A cidade exporta
tecidos de algodão que não planta
e poemas que não lê
No varejo de algumas lojas
se pode até comprar livros
O jeito é agarrar a primeira palavra vazia
que esvoace gratuita na brisa do Pomba,
com todo cuidado, e devolvê-la intacta
aos ventos, insanos e surdos.*

O poeta mineiro **Francisco Marcelo Cabral** (Cataguases, 1930 – Rio, 2014) residiu no Rio de Janeiro desde os anos 1950. Trabalhou a maior parte de sua vida como redator publicitário e redator de projetos econômicos financeiros, no escritório Leone e Associados, onde era um dos sócios. Ainda no Rio, foi Diretor de Comunicação da Eletrobrás e Diretor da Petrofértil. Em 1949, editou em Cataguases a Revista Meia-Pataca, junto com a poeta Lina Tâmega Peixoto (Cataguases, 1931 – Brasília, 2020). Livros publicados: *O Centauro* (1949); *Inexílio* (1979); *Livro dos Poemas* (2003) englobando, além dos dois livros anteriores, *Baile de Câmara*, *Poema em 3 Cantos* e *Pedra de Sal*. Em 2007, publica *Cidade Interior* e, em 2010, seu último livro, *Campo Marcado*. ❖

Natural de Cataguases, MG, o poeta **Ronaldo Werneck** (1943) é também cronista, tradutor e ensaísta. Jornalista, publica crítica e ensaios sobre cinema, música e literatura desde o início dos anos 1960. É autor de livros como 'Controvérsias 1 e 2', 'Sob o Signo do Imprevisto', 'O Mar de Outrora e Poemas de Agora' e 'Momento Vivo'.



Clauder Arcanjo:

De olho na ambivalência das separações...

FOTO: DIVULGAÇÃO



Em coletânea de contos, Clauder Arcanjo, desconstruindo pelo riso a gravidade do tema da separação, elabora uma análise da instituição casamento, revirando-a pelo avesso

Se há uma forma narrativa que não deve compactuar com o excesso, esta forma é o conto, sobretudo o conto curto. Nele, os detalhes descritivos, as digressões reflexivas, os altos e baixos dos conflitos humanos, assim como outros elementos mais adequados à estrutura romanesca, tendem a prejudicar sua intensidade, tensão e significação, segundo Julio Cortázar, por excelência, suas categorias intrínsecas.

Clauder Arcanjo, escritor norte-rio-grandense, possui plena consciência deste imperativo estético, observados os contos que integram a coletânea intitulada *Separação*, publicada com o selo da editora Sarau das Letras (2017).

Reunindo 18 pequenas histórias focadas em motivo único, já entrevistado no próprio título, o autor procura pensar e problematizar o cotidiano das relações matrimoniais, num tom a que não falta a casca lúdica do estilo coloquial e numa perspectiva que mescla os sentimentos empáticos do narrador, em relação aos dramas vividos pelos personagens, a uma visão como que trágico-cômica em ▶

▷ torno de suas experiências de encontros e desencontros, apegos e separações.

O casamento desfeito, talvez pela rotina – “o túmulo do amor”, como diria Guimarães Rosa –, deixa-se explorar numa variação rítmica e temática que o descortina na transparência inevitável de sua banalidade, do seu despropósito e do seu absurdo. Pacto ou negócio, união ou vínculo, firmado no sentimento amoroso ou no interesse pragmático, não importa. Importa, sim, a cada narrador de cada caso, a constatação lógica de sua insustentabilidade, o desvio não raro grotesco e surpreendente que permeia a ambivalência das peripécias.

Não fosse a distância irônica e os ingredientes humorísticos que conduzem, na mais das vezes, o movimento narrativo e as ações dos personagens, estaríamos diante da contingência trágica, marcada sobretudo pela fatalidade do destino e pela irresolução definitiva da crise existencial.

O fato é que Clauder Arcanjo, desconstruindo pelo riso a gravidade do tema da separação, elabora uma análise dessa instituição social – o casamento – revirando-a pelo avesso, sem perder, contudo, a leveza da percepção e sem incidir, portanto, na visão amarga e corrosiva de um Tolstói, por exemplo, em *A Sonata a Kreutzer*, ou de um Dalton Trevisan, em tantas de suas fabulações novelísticas.

Essa visão, colada severamente à realidade cotidiana de cada situação, com suas razões e causas diversificadas, imprime unidade expressiva e literária ao conjunto das peças reunidas. Por mais diferente que seja o pivô das múltiplas separações, há como que um fio uniforme que tece as rendas dramáticas de cada história. De outra parte, o estilo, emanado das fontes orais, calcado na simplicidade coloquial e atento à precisão de certos vocábulos, também reforça esta unidade e se põe em simetria direta com os conteúdos narrados.



Reunião de contos de Arcanjo, 'Separação' foi lançado pelo Sarau das Letras em 2017

Um bom exemplo disto me parece o conto “Sexta separação”. A situação de Rosinha e Severino, principalmente, no desfecho, perfeitamente simétrica no seu desencontro, remete à ironia do destino, à armadilha das trapaças existenciais, ao jogo estúpido da vida, no qual – parece – todos somos perdedores... Destaco, ainda neste sentido, o das simetrias entre os personagens, o da unidade estilística e o das ocorrências imprevisíveis, a segunda, terceira e sétima separação.

Todas, grosso modo, trazem, na sua fatura textual, ingredientes técnicos e literários que, associados aos aspectos psicológicos, éticos e sociais dos personagens e de seus enredos, formam uma espécie de partitura sinfônica em que os motivos recorrem numa cadência semântica, cuja pluralidade perceptiva e colorido das tonalidades, tende a alargar a compreensão do mundo, na medida em que nós – leitores – decerto nos encon-

tramos a nós mesmos nos desencontros que presenciamos.

O que mais pretende um escritor? Não seria este o desafio maior do texto literário? A imagem do real não nos serve para mensurá-lo melhor? Não nos serve para ampliá-lo? Trazendo à tona, à superfície manifesta da linguagem, as substâncias latentes que esta mesma linguagem quase sempre oculta e escamoteia?

A estas indagações, o livro de Clauder Arcanjo responde afirmativamente. O contista, aqui, aparece de corpo inteiro no ato mesmo de narrar. Narrar, como quase não se faz mais hoje em dia, no artificial e hermético mapa da literatura contemporânea. Narrar histórias simples, comuns, triviais; histórias de todos os homens e todas as mulheres, histórias de todos os casamentos, histórias de todas as separações.

Desenvolto nos diálogos, com seguro domínio das sequências narrativas, sem medo da linearidade e sem temer os riscos do começo, do meio e do fim, Clauder Arcanjo, com a sensibilidade de observador arguto do lado traveso da realidade e com a imaginação fabulatória dos antigos narradores, produz uma obra em que o anteparo documental em torno do ser humano e da sociedade se funde às exigências do valor estético.

Se vale pelo que diz, e são muitos os saberes que se inter-cambiam no bojo das narrativas, vale principalmente pelo como diz, isto é, pela força da representação e pelo arranjo singular que os signos se propõem na composição formal e ideativa dos contos selecionados. Nesses contos, o escritor está, sim, de olho nas palavras, no corpo ambivalente das palavras, para, mais profundamente, ficar de olho na ambivalência das separações... ✦

Hildeberto Barbosa Filho (HBF) é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da UFPB - Universidade Federal da Paraíba e membro da APL - Academia Paraibana de Letras. Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio, dentre as quais se destacam: *Nem morrer é remédio: Poesia reunida*; *Arrecifes e lajedos: Breve itinerário da poesia na Paraíba*; *Literatura: as fontes de prazer*; *Os livros: a única viagem, e Valeu a pena.*

POEMA INÉDITO DE Walmir Ayala

Carlos Newton Júnior

Especial para o *Correio das Artes*

Walmir Ayala nasceu em Porto Alegre, em 4 de janeiro de 1933, vindo a falecer no Rio de Janeiro, em 28 de agosto de 1991. Estreou na literatura ainda na sua cidade natal, aos 22 anos de idade, com o livro de poemas *Face dispersa* (1955). No ano seguinte, transferiu-se para o Rio de Janeiro com o firme propósito de se tornar escritor, dedicando-se ao ofício das letras até o fim dos seus dias e assim produzindo uma obra extensa e variada, toda ela de grande qualidade, o que o legitima como um dos escritores mais importantes e versáteis de sua geração. No campo da poesia, após seu livro de estreia, publicou *Este sorrir, a morte* (1957), *O edifício e o verbo* (1961), *Cantata* (1966), *Poemas da paixão* (1967), *Questionário* (1967), *Natureza viva* (1973), *A pedra iluminada* (1976), *Estado de choque* (1980), *Águas como espadas* (1983), *Os reinos e as vestes* (1986), entre outros.

FOTO: LULA RODRIGUES



(Trecho do verbete de autoria de Carlos Newton Júnior, publicado na Revista *Hoblicua*, nº 5, especial Walmir Ayala, em 2018)

de Sophia,
num tempo feliz de
Lisboa - Setembro 1971



Vas falar de desengano
que nisto me doutorei
e aprendi direito humano
nos fados que já cantei.

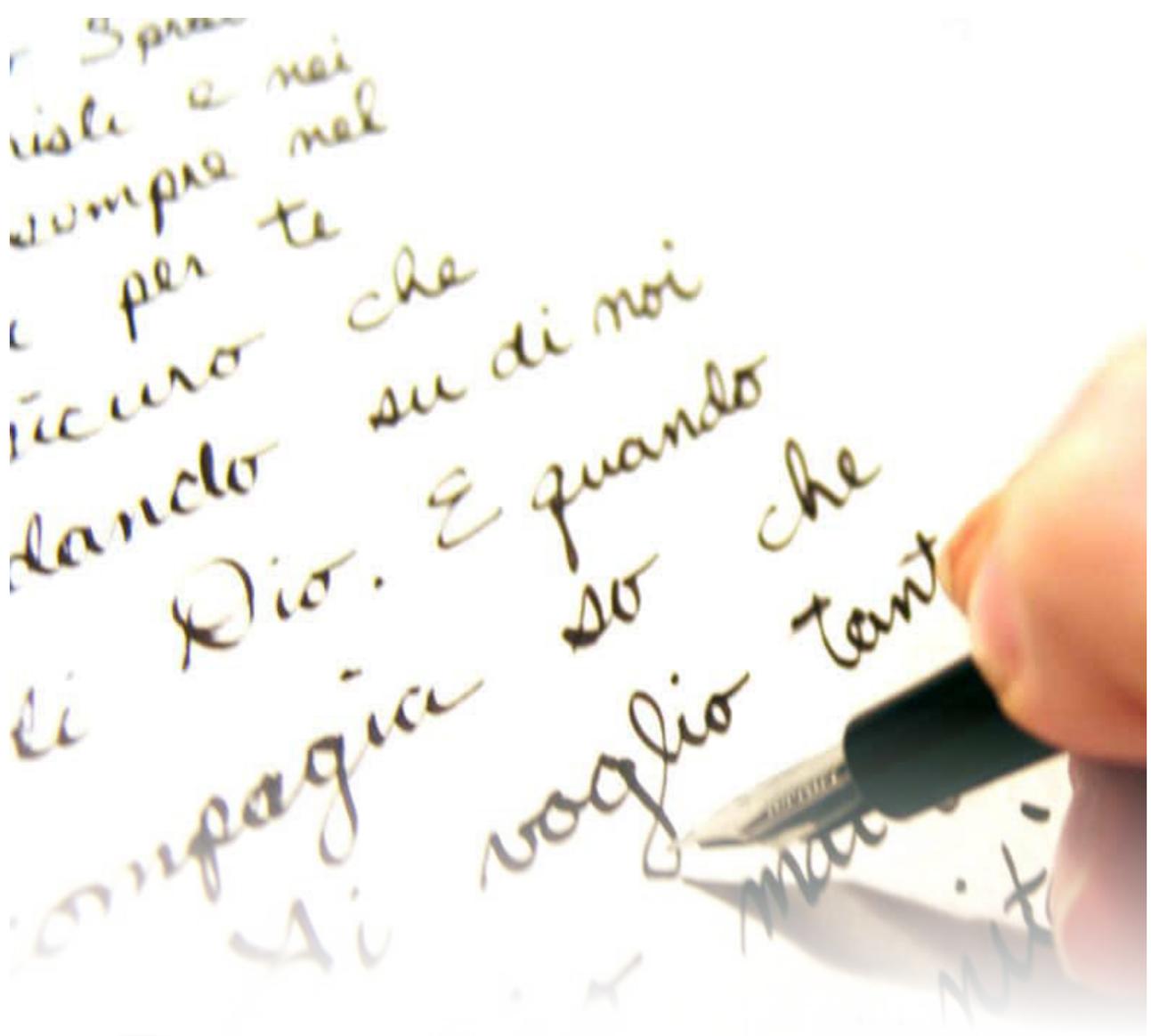
Se passo a vida cantando
como o pássaro do dia
esta é a forma de estar dando
minha lição de alegria.

Uma forma tão pungente
tão cheia de amor e pranto
que reparto amargamente
a doçura do meu canto.

Walmir Ayala

Poema inédito de Walmir Ayala no álbum de Maria Andresen, filha da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen. Sophia e Walmir foram amigos, encontraram-se diversas vezes no Brasil e em Portugal, entre as décadas de 1960-70, e mantiveram correspondência.

Carlos Newton Júnior é poeta, ensaísta e professor da Universidade Federal de Pernambuco.
Mora em Recife (PE)



Cronista de aldeia

Francisco Gil Messias
gmessias@reitoria.ufpb.br

É dura a vida de cronista de aldeia. O leitor não faz nem ideia: pega o jornal, meio distraído, senta na poltrona e lê a crônica como se fora maná caído do céu no colo do autor ou autora. Normalmente leve e não raro com uma pitada de humor, a crônica, além de outras, tem essa característica só sua: a de todo mundo achar que foi fácil escrevê-la. Alguns leitores até proclamam, para si mesmos ou de público: “Essa daí, até eu escreveria”. Vai ver que sim. Em tese, basta sentar à mesa ou ao computador e desenvolver o tema que escolher, geralmente assunto de menor gravidade, ao alcance de qualquer um. Não custa tentar.

Mas, de fato, é dura a vida de cronista de aldeia. Não a dos grandes, aqueles que escrevem em jornais ou revistas de âmbito nacional. Esses, ▶

nem conhecem os leitores nem são pessoalmente conhecidos por eles, salvo pelo nome, mas sem nenhuma proximidade física. Portanto, estão livres, esses felizes cronistas federais, para escrever sobre qualquer matéria, falar mal ou bem de quem quiser, denunciar falcatruas a torto e a direito, insinuar pecados inconfessáveis, enfim, discorrer sobre o que lhes der na veneta. Para esses privilegiados, a vida não tem nada de dura; pelo contrário: a liberdade disponibiliza em suas mãos todos os temas; assunto é o que nunca lhes falta.

Mas vá ver, leitor, a vida do cronista de província. Seu grande problema começa por conhecer parte considerável daqueles que supostamente o leem e, ao inverso, ser pessoalmente conhecido, nem que seja de vista, por esses mesmos leitores. Cronista e leitor cruzam cotidianamente no shopping, na calçadinha da praia, talvez em alguma praça, num lugar qualquer. E aí, como é que fica? Como escrever sobre uma certa malversação de dinheiro público atribuída a um sujeito tão simpático que se encontrou num almoço recente? Como comentar fato desairoso que envolve o tio do primo da cunhada de uma amiga a quem se quer bem? Como ao menos tratar de alguma questão de fundo político sem confrontar os que pensam diferente? E por aí vão as desventuras do cronista aldeão, esse infeliz que todo dia tem que descobrir, se é que existe, um assunto que possa agradar a todos e não ofender ninguém. Meu Deus.

E olhe que ainda não se falou no que agora se chama de “politicamente correto”, terreno delicado e movediço que tem complicado muita gente. Ai, ai, ai, diria minha avó. Haverá atualmente alguma matéria que não envolva, direta ou indiretamente, minorias protegidas por lei ou não? Existem as minorias óbvias, sobre as quais não se pode mais fazer ou dizer nenhuma graça, nenhuma brincadeira (já pensou no prejuízo para o humor?), mas também há outras de que ninguém desconfia, e aí é que mora o perigo, pois sabe-se

lá quem vai ficar de repente ofendido e com que. O cronista pode, inocentemente, estar, sem saber, comprando uma briga daquelas.

O clima atual, sabe-se, pelo menos no Brasil, lembra aquele que o inglês George Orwell descreveu no livro “1984”, substituindo-se, no caso, o “Grande Irmão”, ou seja, o Estado totalitário, que tudo vê, tudo ouve e tudo censura, pelas minorias radicalizadas e pelas redes sociais enfurecidas. O patrulhamento é total. Leandro Karnal, em publicação recente, conta o caso de um grupo de turistas brasileiros que estava assistindo a um espetáculo de elefantes amestrados na Tailândia. Os presentes, com seus celulares, tiravam fotografias despreocupadamente, tudo muito normal para a situação, como sempre foi, até recentemente. Foi quando alguém advertiu para que não publicassem aquelas fotos, pois poderiam, nas redes, ser interpretadas como apologia a maus tratos aos animais. Foi o bastante para todo mundo cair em si e, prudentemente, tomar cuidado. O “Big Brother” estava de olho, até ali, na Ásia distante.

Claro que ninguém pode ser a favor do “politicamente incorreto”; não se admite mais na contemporaneidade, e ainda bem, manifestações explícitas ou implícitas de racismo, homofobia, misoginia e outras formas de preconceito. O devido respeito às individualidades e aos seus direitos de cidadania não mais permite comportamentos odiosos, antes tolerados. Quanto a isso, não há o que discutir, pois representa um avanço civilizacional da sociedade atual. Todavia, os exageros verificados no patrulhamento generalizado, e não raro paranoico, das pessoas, nos âmbitos público e privado, têm, convenhamos, preocupado, com razão, aqueles que pensam nos prejuízos que certos excessos

de controle e vigilância podem causar à liberdade geral dos indivíduos, já que a linha que separa o correto do incorreto é muito tênue. E é exatamente aí onde entram os redobrados cuidados do cronista de aldeia, e sua desdita, pois o que ele quer simplesmente é andar na linha, feito um trem, escrevendo sua crônica em paz e cumprindo a escolhida missão de ser, como já disse Lêdo Ivo, o historiador das coisas que não entram para a História.

Até elogiar, tarefa aparentemente inofensiva, requer diplomacia desse escravo das conveniências locais. Ao enaltecer alguém, ele pode, sem saber, estar despertando maus humores insuspeitados nos que se sentem preteridos no louvor ou não se dão bem com o louvado.

O velho Machado de Assis talvez deva ser considerado o patrono desses profissionais provincianos, ele que, de certo modo, também foi um cronista local, no Rio de Janeiro imperial de população pequena. Por seu famoso tédio à controvérsia, foi acusado pelos mais apressados de absenteísta quanto às questões políticas e sociais de seu tempo. Absenteísta coisa nenhuma! O que ele fez, sabiamente, e com gênio, foi equilibrar-se, sem omitir-se, na corda bamba que pairava sobre as miudezas polêmicas da época, preferindo temas que conferissem perenidade aos seus textos.

Enfim, pode-se dizer que o cronista municipal deseja tão somente a pequena glória da banal satisfação de andar tranquilo pelas ruas de sua urbe, sem o risco de levar na cara um inesperado murro enraivecido. Alcançado esse prosaico feito, ele já se dará por vitorioso no seu ofício e até dispensa outras honrarias e gratificações. Talvez seja muito pouco, sei, mas é como se diz: modesto escriba, aspiração modesta. ✦

Francisco Gil Messias, paraibano de João Pessoa, onde reside, é bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e mestre em Direito do Estado, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É membro da Academia Paraibana de Filosofia e do Instituto de Estudos Kelsenianos. Publicou os livros *Olhares - poemas bissexto* e *A medida do possível* (e outros poemas da Aldeia). Contato: gmessias@reitoria.ufpb.br.

"A literatura NÃO É UM MANUAL DE autoajuda"

Eduardo Augusto

Especial para o *Correio das Artes*



FOTO: LORENA PALAVECINO/DIVULGAÇÃO
Nascida no Chile e radicada nos EUA, Lina Meruane é autora de livros como 'Sangue no Olho' e 'Contra os Filhos'.

Nascida no Chile há 50 anos, Lina Meruane se tornou uma proeminente escritora de livros de ficção e não ficção, depois de estrear como jornalista cultural e contista. É autora de obras como *Las Infantas* (contos), *Sangue no Olho* (romance) e *Volverse a Palestina* (ensaio), entre outros. Tem na estante prêmios como Sor Juana Inés de la Cruz (México, 2012), Anna Seghers (Berlim, 2011) e bolsas de escrita da Fundação Guggenheim (EUA, 2004), NEA (EUA, 2010) e DAAD (Berlim, 2017).

Premiado, *Sangue no Olho*, de 2010, chegou a sair no Brasil pela extinta Cosac & Naif, que deu um tratamento especial à edição: à medida em que o leitor avançava na leitura, as páginas iam escurecendo, dando a impressão que os nossos olhos iam, aos poucos, se enchendo de sangue.

No Brasil, pela jovem editora TodaVia, ela lançou *Contra os Filhos*, no qual Meruane questiona, corajosamente, a obrigatoriedade da maternidade em pleno século 21. Maternidade

essa que, na visão da autora, levaria a mulher de volta ao lar, estagnando diversas conquistas sociais conquistadas a duras penas. Livro corajoso e contundente.

No início deste ano, a Todavía também editou no Brasil o mais novo romance da chilena, *Sistema Nervoso*. Nele, Meruane mistura corpos celestes e células numa dança cósmica, onde o macro e micro se entrelaçam no infinito espaço-tempo.

Atualmente, a autora está radicada nos Estados Unidos, onde conclui um doutorado em literatura hispânico-americana e leciona cultura latino-americana e escrita criativa na Universidade de Nova York.

De volta ao Chile para acompanhar os acontecimentos políticos recentes, Lina Meruane conversou, de lá, com o *Correio das Artes* sobre literatura, política e futuro, e também sobre literatura, pandemia, corpo, desejo, novos projetos, Chile e Palestina, em uma entrevista exclusiva, por e-mail.

A Entrevista

* Tradução: Renato de Pádua Oliveira da Silva

– Como a senhora vê o momento em que estamos vivendo: pandemia, negacionismo da ciência, ascensão de governos autoritários. A literatura pode ser um caminho de enfrentamento?

– Penso que a literatura propõe perguntas difíceis, que quebram a "cristalização" do sentido comum. Ou seja, que vai contra todos esses discursos que

normalizam a violência, o negacionismo, os papéis de gênero... e a literatura explora todos esses temas importantes e os analisa. A literatura não é um manual de autoajuda. Não produz manuais de autoajuda, mas sim produz textos mais complexos e te apresenta uma série de questões difíceis, da vida real. Então eu não acredito que a literatura, necessariamente, seja um caminho de

confronto, enfrentamento, mas sim um lugar de reflexão, de despertarmos para os grandes problemas e mentiras que nos contam a sociedade, a política e a economia. Agora o que pode acontecer é alguém que tenha lido muita literatura, e tenha feito para si todas essas perguntas, chegue à triste e dolorosa conclusão de que o confronto é a única saída. ▶

► – O seu novo livro, ‘Sistema Nervoso’, fala muito de enfermidades e traumas. É possível estabelecer algum paralelo com os dias atuais, tomados por isolamento e pandemia?

– Eu queria te contar que eu escrevi quatro livros sobre doenças: três são romances, se chamam: *Fruta Podrida* (“Fruta Podre”, em tradução livre), *Sangre Eneajo* (*Sangue no Olho*, publicado no Brasil, primeiro pela *Cosac Naifye* e, depois, pela editora SESI-SP) e o terceiro, *Sistema Nervioso* (*Sistema Nervoso*, lançado pela editora Todavia). Além disso, eu escrevi minha tese de doutorado que se tornou um ensaio chamado *Viajes Virales* (“Viagens Virais”), que é sobre a pandemia da Aids. Então claro que podemos estabelecer um paralelo, mesmo que os meus romances falem sobre doenças ocasionais, como a diabetes, ou a cegueira ocasionada pela diabetes, ou o sistema nervoso e uma série de doenças endêmicas, por assim dizer, e “surpreendentes” também. A pandemia é outro tipo de doença, porque é uma doença infecciosa que atinge não só um indivíduo, mas toda a sociedade. Então a relação que eu estabeleço é mais com o meu ensaio *Viajes Virales*, onde falo de uma série de temas recorrentes na pandemia; um desses é achar o paciente zero (caso índice, paciente inicial) e encontrar os infectados, como se isso pudesse nos ajudar a controlar a pandemia. Na pandemia da Aids isso era mais complexo, porque havia um peso moral sobre esse paciente zero, e isso foi muito complicado. Esses são uns dos temas que eu analiso no livro sobre Aids, *Viajes Virales*; mas também há outros, como esse desejo de retornar ao lugar de origem, porque em nosso país, com a nossa família, pensamos que podemos receber calor, afeto e cuidado, que no estrangeiro não conseguimos, ou pelo menos não facilmente. Outra questão que há no livro é uma análise sobre a figura do turista infeccioso, e esse tema também aparece hoje na pandemia, porque você deve lembrar que os primeiros casos que apareceram na América Latina, identificaram como sendo

de pessoas que foram como turistas à países europeus e EUA, e voltaram com o vírus; ou que eles eram os turistas desses mesmos lugares, incluindo Ásia e China, que de visita a nossos países, espalharam o vírus. Há outro capítulo também sobre o lugar da feminilidade e das mulheres na pandemia, e como as pandemias produzem em certos temas, respostas viris, como quando Donald Trump disse que ele adoeceu, mas enfrentou a pandemia como um homem. Como se os demais não enfrentassem a pandemia, ou enfrentassem como mulheres, ou seja, como pessoas fracas. Sabemos que a pandemia atinge igualmente homens e mulheres, jovens e crianças; e que não se trata de uma atitude viril que permite nos salvar, mas sim certas condições imunológicas que temos, que realmente não sabemos como vai funcionar, e que não tem distinção de gênero.

– Como foi o processo criativo e de escrita de *Sistema Nervoso*?

– Este romance surgiu de uma maneira bem particular, porque eu não pensava em escrevê-lo. De fato, eu não pensava em escrever mais livros sobre doenças, mas me convidaram a dar uma palestra, no meu lugar como escritora, pensadora e docente, sobre o tema da precariedade. Então eu comecei a escrever sobre uma questão médica que me interessava e sobre o lugar dos pacientes em uma situação médica; e enquanto escrevia, me dei conta que no meu ensaio foram introduzidas situações um tanto quanto fictícias, mais ou menos imaginárias, algumas autobiográficas e outras de histórias que eu conhecia. Então me dei conta que havia escrito um texto híbrido e que à figura da protagonista, eu acrescentei a figura do pai doente, da madrastra doente, e assim foi como eu comecei a escrever. Diminuí algumas partes ensaísticas ou históricas, mesmo ainda deixando outras, como a história sobre a medicina, o corpo e os órgãos; e me dediquei a contar mais sobre esses três personagens. O que percebi também no processo de escrita,

é que o personagem da madrastra e do pai, ficaram mais curtos, resumidos, já que se multiplicou o número de personagens no romance; então adicionei mais dois capítulos, um sobre o namorado dela e outro sobre o irmão primogênito, que talvez tenha sido o que eu mais gostei de escrever. Me fascinou descobrir esse personagem, cujos ossos estão fracos devido ao trauma causado pela perda da sua mãe.

– Nele, a narrativa é fragmentada, passado e presente se entrelaçam. O “país do passado” estabelece um elo com o Chile em seu novo livro. Hoje, como é sua relação com a América Latina, e em especial com Chile.

– Eu pensei no Chile quando escrevi o país do passado, mas não chamei Chile porque estava muito interessada na dimensão temporal da escrita desse romance. Esse é outro tema que não vou entrar porque não é parte da tua pergunta. Mas sim, para mim, o país do passado é o Chile, ainda que pudesse ser também lugares como Argentina ou Brasil, que viveram ditaduras longas, cruéis para a cidadania. Esse é um tema importante no romance, um tema secundário, mas importante. Eu tenho uma relação muito estreita, muito próxima com a América Latina, principalmente com Chile. Eu viajei muito pela América Latina, tenho muitos amigos na América Latina, ensino cultura e literatura latinoamericana, que é a minha formação no doutorado. Nesses cursos, ensino cultura, literatura, pintura, política, economia; ensino um pouco de tudo, portanto tenho uma sensação de aproximação e ligação muito forte com a América Latina, um interesse e um amor muito grande pelo continente; mas em especial pelo Chile. Eu passo longas temporadas aqui. Inclusive, agora vou passar seis meses, tendo em vista que estou ensinando na Universidade de Nova York, mas de maneira remota, virtual, então isso me deu a oportunidade de vir e votar nessas últimas eleições (em plebiscito histórico realizado em outubro de 2020, os chilenos decidiram por acabar com Constituição criada na época) ►

ca da ditadura de Pinochet) que foi um momento histórico e muito emocionante. Vou ficar uma temporada aqui para viver esse processo histórico e político que eu sinto que não posso perder, inclusive sobre o qual eu sempre escrevo. Chile sempre está nas minhas literaturas.

– Você mora e ensina nos Estados Unidos. Esse distanciamento afetou sua escrita, de alguma maneira?

– Eu fui fazer o doutorado nos Estados Unidos, conheci meu companheiro e lá fiquei. Agora tenho um trabalho na Universidade de Nova York. O primeiro romance que eu escrevi nos Estados Unidos foi *Fruta Podrida* (*Fruta Podre*), o seguinte foi *Sangre Enejo* (*Sangue no Olho*) e o terceiro, *Sistema Nervioso* (*Sistema Nervoso*). Esses três romances são sobre doenças. São romances que se passam em um lugar parecido aos Estados Unidos e outro lugar que parece o Chile. Essa conexão entre EUA e Chile além de tudo é histórica, porque lembramos que EUA ajudou politicamente e economicamente o Golpe de Estado no Chile; e sustentou politicamente e economicamente a ditadura chilena. Então há uma relação histórica, porque o projeto dos Estados Unidos nessa época era transformar o Chile em um “laboratório” das políticas neoliberais que impuseram sob ditadura, sem que os cidadãos pudessem declarar oposição e resistência. Então essa relação é muito estreita, importante, muito complexa e difícil. Ao chegar nos EUA eu senti o peso dessa relação, e me propus de forma intuitiva, mas sobretudo de uma maneira muito política, a pensar na relação entre esses dois lugares e nesses personagens, especialmente mulheres chilenas que vão de um lugar ao outro. Então Estados Unidos sim entrou na minha literatura dessa maneira e o inglês também aparece como uma língua, que não somente é a “língua da diplomacia” como costumam dizer, mas também é a língua do desencontro, do poder; é a língua da incomunicação, que aparece dentro do tema de *Sistema Nervioso*.



“O ‘país do passado’ é o Chile, ainda que pudesse ser também lugares como Argentina ou Brasil, que viveram ditaduras longas, cruéis”

– A protagonista de *Sistema Nervioso* vive envolta em crises e enfermidades. Quanto foi difícil pra você traçar o caminho do trauma? O quanto há de biográfico?

– A personagem de *Sistema Nervioso* não me representa como pessoa. Eu não estudo Ciências Físicas, nem Astronomia e não tenho os problemas de escrita que ela tem. Nem tenho uma relação de violência com meu irmão mais velho, nem com meu namorado. Então em muitos sentidos, essa personagem não sou eu. Ou, talvez, diria que em todos os sentidos, essa personagem não sou eu. O que acontece é que os componentes autobiográficos sempre estão presentes em um romance, mas não necessariamente pela história que se conta, mas pelas reflexões que fiz sobre o tema do romance, neste caso, sobre o tema da doença. Eu já contei muitas vezes que sou filha de médicos e que padeço de uma condição física, que não é a mesma da protagonista, mas sim, pensei muito no tema médico e refleti sobre a maneira que os doentes se relacionam. Sendo assim, talvez a única questão muito autobiográfica é abordar a questão da medicina, e também apresentar uma família que fala obsessivamente sobre assuntos médicos, porque a minha família fala obsessivamente sobre assuntos médicos, e porque eu sou uma grande obsessiva do saber médico. Me interessa essa linguagem, esse debate. Me interessa o lugar do médico como leitor do corpo. Eu sou uma leitora de textos, e o corpo é um texto. Nesse sentido, no sentido da obsessão por esse tema, este romance tem um elemento biográfico, ou autobiográfico.

– No livro, você não nomeia pessoas ou lugares, apenas as doenças e estrelas. Seria a universalidade da nossa fragilidade?

– Sim, eu me interessei em marcar essa universalidade da nossa fragilidade, como você diz. Sobretudo me interessava pensar nesses personagens não tanto como indivíduos diferentes de outros, como são, mas principalmente como pessoas que cumprem uma função dentro da família e dentro da sociedade, como pai, como mãe, como irmão primogênito, como os gêmeos, como ele, como ela. Você deve lembrar que, no romance, ela estuda os planetas e como eles orbitam ao redor do Sol, e como os astros podem ser devorados pelos buracos negros. Eu pensei nesse romance como um sistema, não somente um sistema cósmico, ou como um sistema familiar, mas também como um sistema de romance, um sistema de escrita. E nesse sistema de escrita, esses personagens cumprem uma função: orbitam um ao redor do outro. Sobretudo, “orbitam e caem no buraco negro” da doença.

– O corpo é uma questão central em sua obra. Como é sua relação com o corpo?

– Como comentei antes, escrevi quatro livros sobre essas questões de doenças, mas ainda antes de escrever sobre doenças, e também depois, e em outros textos, o corpo material, o corpo não como metáfora, mas o corpo em sua forma real, material, sempre me interessou muito, e esteve, realmente, em todas as minhas obras. Minha relação com meu corpo, bom, é uma re- ▶

▶ lação de amor e ódio, como todas as relações (risos). O corpo é uma parte da nossa identidade... é tão importante, não é?! Mas, bom, tive momentos positivos e momentos um pouco mais difíceis, ou mais angustiantes. Deixa eu te contar, desde muito pequena, pela minha condição de saúde, tive a certeza da finitude da vida. Ou seja, eu sabia que meu corpo estava em perigo, então era um corpo que tinha que ser cuidado; mas como sabemos, o cuidado contínuo gera fadiga, é o que estamos vendo hoje na pandemia. O cuidado constante cansa. Estar sempre alerta nos sufoca. Então essa atenção com o corpo, em alguns momentos também me produziu um desejo de querer esquecer o meu corpo, ainda que o meu corpo sempre tenha se encarregado de me lembrar que ele estava ali. Então tenho essa relação longa, duradoura, de muita consciência sobre o meu corpo. E também muitos desejos de inconsciência sobre ele.

– Um tema importante, não apenas na sua obra, mas em sua vida, é a Palestina. Em seu livro *Torna-se Palestina* (tradução para o português de *Volverse Palestina*), você relata o isolamento do povo palestino, acosado e isolado por forças hostis. Gostaria que você falasse um pouco como foi esse reencontro, essa viagem de busca por sua própria identidade.

– Minha viagem à Palestina foi uma viagem acidental. Eu não tinha esse projeto, essa ideia de viajar à Palestina, por mais que eu faça parte da grande comunidade Chileno-Palestina, ou a grande comunidade “Chilestina” do meu país. Para mim, essa identidade era completamente natural, antes de ir aos Estados Unidos, e me dei conta do difícil que era ser não só latino-americana, mas também palestina nos EUA quando cheguei lá no ano de 2000. Realmente, foi impactante e estremecedor para mim realizar essa viagem, que como falei, foi algo acidental, como conto no livro, e que não sabia que eu mesma iria sofrer momentos de grande violência e grande angústia, mas sobretudo

ver a violência e as angústias que sofrem os palestinos. E é impressionante como a violência resiste em um nível super elevado. Então, quando eu chamo esse livro de *Volverse Palestina*, é porque eu acho interessante pensar no modo como fui adquirindo uma identidade política como palestina. Não uma identidade nostálgica, ou um desejo de retorno, mas, sim, me conectar politicamente com a situação colonial que vive o povo palestino sob a ocupação israelita. Que, inclusive, tem que ser dito que é uma ocupação que não parou em nenhum momento. Dia após dia, casa à casa, prédio a prédio, prisioneiro a prisioneiro, vai tomando mais e mais terras, terras palestinas que não pertencem ao Estado de Israel por lei. É ilegal o que o Estado da Palestina faz sobre as terras que ocupa só legalmente, mas que não pode apropriar-se.

– Você já está trabalhando em algum novo projeto?

– Na verdade, eu estou trabalhando em vários projetos. Um deles é um ensaio que acabei de terminar. Se chama *Zona Ciega* (“zona cega”), no qual eu retrato novamente o tema da cegueira, mas em um ensaio. Na verdade, são três ensaios que compõem um livro de ensaios. O primeiro ensaio fala sobre a violência ocu-

lar que aconteceu no Chile durante os protestos - que recebeu o nome de *El estalido* (“o estrondo/a explosão”) - de outubro do ano passado, e a forma como a polícia atirou nos olhos dos protestantes e os cegou (de um olho). Então eu faço uma leitura sobre esse momento. Há um segundo ensaio sobre a figura dos cegos na literatura universal; e o terceiro ensaio é sobre Gabriela Mistral e Marta Brunet, duas escritoras chilenas do século 20 que foram quase cegas. Disso se sabe muito pouco, então eu faço uma relação da cegueira delas e da amizade que tiveram a partir do problema de vista. Esse livro, *Zona Ciega*, será publicado em abril, no Chile. Mas também estou escrevendo uma obra de teatro, começando a escrever um romance, também estou para publicar uma coleção dos meus contos no Peru, contos que estão espalhados em muitas revistas e que eu não tive a oportunidade de publicar todos juntos.

– Para encerrar, Lina Meruane por Lina Meruane, em apenas uma frase?

– Lina Meruane não existe. Não é mais do que uma ficção produzida pelos seus livros. ✖

Alguns dos títulos lançados por Lina Meruane, boa parte editado no Brasil



Eduardo Augusto é graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), é pesquisador da obra do artista visual José Rufino e presta assessoria para a Diretoria de Mídia Impressa da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) e para a editora A União. Mora em João Pessoa (PB). ▶

Conversa (erudita) de bois



O conto ‘Conversa de bois’, de Guimarães Rosa, que integra o livro *Sagarana*, no que diz respeito à construção de sua fabulação, fundamenta-se em três narrativas, uma genérica e duas específicas. Genericamente, o conto é uma fábula, no sentido primeiro dessa palavra, como narrativa que dá voz aos animais. Para que fosse alcançada a realização dessa fábula, o autor, de modo sutil, se apropria de uma passagem da *Odisseia*, de modo que possamos conhecer de onde surgiram os fatos que vão ser narrados. O processo transtextual não para por aí, pois a narração dos fatos e a sua compreensão dependerão da clara alusão a um trecho em la-

tim, por trás do qual se escondem versos das *Geórgicas* de *Virgílio*.

No concernente ao modo como a narrativa se desenvolve, podemos ver que o conto parte de um diálogo inicial entre Manuel Timborna e um interlocutor não identificado. Timborna, personagem que “em vez de caçar serviço para fazer, vive falando invenções só lá dele mesmo, coisas que as outras pessoas não sabem e nem querem escutar”, sustenta que os bichos falam e que “boi fala o tempo todo”, e para confirmar isso, tem a intenção de contar “caso acontecido que se deu”. O interlocutor, que se fará narrador da história contada por Timborna, aceita ouvi-la, desde que ele tenha a “licença de recontar diferente, enfeitando e acrescentando ponto e pouco” (p. 265).

O que se pode ver, desde essa conversa inicial, é o estabelecimento de um contrato tácito entre o autor e os seus leitores; contrato que estipula ser a invencionice o único estatuto capaz de se atribuir ao texto. Mais elegantemente dizendo, o estatuto ficcional, revestido de “enfeites”, daquela linguagem ornada e “condimentada”, no sentido de agradável ao paladar (λόγος ηδυσμένος), de que fala Aristóteles na *Poética* (1449b, 25-29). Essa invenção oral de Timborna, acrescida de “ponto e pouco”, será transformada em narrativa escrita pelo interlocutor anônimo, ainda que se possam observar traços fortes de oralidade. O essencial, no entanto, é que a transformação da oralidade para a escrita não exclui do fato narrado a invencionice. Ao contrário, o acrescentamento e os enfeites que ocorrem ficam por conta do dito popular “quem conta um conto aumenta um ponto”.

Como diz Aristóteles, a respeito da *Odisseia*, o argumento de ‘Conversa de bois’ não é longo (Τῆς γὰρ Ὀδυσσεΐας οὐ μακρὸς οἱ λόγος ἐστίν, 1455β 17): um carreiro e um menino-guia de carro de boi vão conduzindo uma ▶



► carga de rapadura e um defunto para o arraial. No caminho, o carreiro morre esmagado pelo carro de boi. O mais são episódios. A síntese do texto aqui apresentada é o lado plausível e verossímil, aceito por todos. A maneira como os episódios são narrados é o que nos põe em contato com o mundo da ficção. A complexidade da narrativa não se encontra no argumento, mas no caminho narrativo que se percorre, através dos episódios, para se chegar ao argumento.

Podemos até constatar, por trás da estrutura horizontal da narrativa, a revelação de um universo majoritariamente miserável, envolvendo até a exploração e maus tratos de crianças, no sertão, apesar de alguns homens ricos. E talvez, por isso mesmo. Mas para chegar à estrutura mais profunda, existe uma capa de elaboração literária, tornando conscientemente implícitos esses fatos, escondendo-os numa leitura de segunda grau, que exige do leitor um horizonte de expectativa maior e mais apurado. Isto é o que se chama literatura e excelente literatura – dizer sem estar dizendo.

É este trabalho literário que transforma, por exemplo, uma onomatopeia, metáfora morta, em uma aliteração com assonância, renovando a figura, tornando-a viva, num jogo estilístico que nem todos sabem fazer (p. 266):

“Seriam bem dez horas, e, de repente, começou a chegar – *nhein... nheinhein... re-nheinhein...* – do caminho da esquerda, a cantiga de um carro-de-bois.”

“O rechinar, arranhento e fanhoso, enchia agora a estrada, estridente.”

Um trabalho que, quando de modo mais complexo, reatualiza o gênero da fábula, para os dias atuais, usando na sua composição, uma narrativa mítica e um poema didático, elementos que essa narrativa exige. Constata-se, ainda, que o conto “Conversa de



bois” apresenta um fundo moral, pondo em xeque, por parte dos bois, as ações humanas e fazendo questão de estabelecer o distanciamento entre uns e outros. Apesar de poderem falar e pensar como os homens, os bois de carro têm a consciência de que devem tomar distância desse ser, “um bicho esmochado, que não devia haver” (p. 269).

Só os bois de carro sabem pensar como os homens, diz o boi Canindé (p. 271), pois vivem apartados dos demais, exercendo uma função específica, que requer força, mas dá tempo para a reflexão. O mesmo que fazia os bois da charrua, desde a antiguidade, no trabalho da terra. Os demais bois, soltos no pasto, em manada, estão mais à mercê do homem, pois destinados à engorda, venda e abate. Na há melhor para falar do homem, naquela situação, do que o bicho que recebe os seus maus tratos (p. 272):

“É ruim viver perto dos homens... As coisas ruins são do homem: tristeza, fome, calor – tudo, pensado, é pior...”

“Perto do homem só tem confusão...”

Da *Odisseia*, Guimarães Rosa aproveita o episódio da captura de Proteu por Menelau (Canto IV, 431-570), para que o guardador dos rebanhos marinhos lhe conte o acontecido com seu irmão Agamêmnon. Só depois da narrativa de Proteu é que Menelau o liberta. Esse episódio do poema clássico é a deixa para se criar a situação em que Manuel Timborna conta “o caso acontecido que se deu” (p. 265). Uma irara, logo apelidada de Risoleta, acompanhou de perto toda a história de Agenor Sorronho, o carreiro, e Tiãozinho, o menino guia. É ela que, capturada por Timborna, conta o que Timborna relata ao seu interlocutor, que a transforma em narração escrita. O processo de composição da *Odisseia* está aí: oralidade que se tornou escrita. Vejamos como se dá o fato em ‘Conversa de bois’ (p. 268):



› “Maneira seja, pôde instruir-se de tudo, bem e bem [a Irara]. E, tempo mais tarde, quando Manuel Timborna a apanhou, – Manuel Timborna dormia à sombra do jatobá, e o bichinho veio bisbilhotar, de demasiado perto, acerca do bentinho azul que ele usa no pescoço, – ela só pôde recobrar a liberdade a troco da minuciosa narração.”

A utilização das *Geórgicas*, de Virgílio, está na urdidura da trama, que resulta na história narrada pela irara a Timborna, que a narra a seu interlocutor, que, por sua vez, a transforma em narrativa escrita, que alterna uma narrativa heterodiegética, com uma de nível hipodiegético, esta tendo como narrador o boi Brillhante, um dos oito integrantes da junta de bois do carro de Agenor Soronho e do guia Tiãozinho. O ponto de partida é a afirmação de Timborna de que “boi fala o tempo todo” (p. 265), dando azo a que se recorra como apoio a citação estropiada das *Geórgicas* de Virgílio (p. 265):

“*Visa sub obscurum noctis pecudesque locutae. Infandum!..*”

O modo como a citação se dá não diz de onde ela veio, nem

respeita a sua forma em versos hexâmetros, como está no texto virgiliano. Do mesmo modo, dizemos que ela está estropiada, tendo em vista que a citação, aqui em negrito, no original e na nossa tradução, encontra-se no contexto de, pelo menos, cinco versos, do 476 ao 480, do Livro I:

ἄχθυθου πρ λξσ υλγ χαδτ σλντσ
 νγνσ, τ σμλξρ μδσ πλλντσ μρσ
 υσσ σβ βσξρμ νξτσ πξδσθυ λξτσ
 ‘ νφνδμ’; σστντ μνσ τρρθυ δησξντ
 τ μστμ λλξρμτ τμπλσ βρρ ρθυ σδντ.

Também uma voz, claramente ouvida pelos bosques silentes,
 Voz ingente, e pálidos fantasmas, de modo espantoso,
**Apareceram sob a escuridão da noite e os animais falaram
 (coisa infanda!);** os cursos d’água param e as terras se fendem
 E nos templos, sombrio, o marfim deplora e os bronzes suam.

Dizemos a citação estar estropiada não porque Guimarães Rosa não soubesse latim ou porque desconhecesse a íntegra do texto de Virgílio, mas porque pelo modo como se conta a narrativa parece, à primeira vista, estar estropiada, tendo em vista os vários recursos narrativos se misturando ao longo da história, dentre eles os diálogos dos bois, a narrativa do boi Brillhante e a pluralidade do discurso indireto-livre, comprometendo, de modo consciente, a linearidade do texto. O leitor que se contenta

com uma primeira leitura dificilmente vai entender o que leu, por causa da superposição dos discursos ali existentes. São necessárias várias leituras minuciosas, para pôr cada coisa em seu lugar.

Guimarães Rosa captou do texto virgiliano apenas a essência – algo apareceu na escuridão da

“

Manuel Timborna dormia à sombra do jatobá, e o bichinho veio bisbilhotar, de demasiado perto, acerca do bentinho azul”

▶ noite, levando os animais a falar. Algo infando, que, literalmente, não se pode dizer; algo abominável, terrível, monstruoso. O texto das *Geórgicas*, nesse ponto trata dos sinais do sol e da natureza, dos presságios e dos augúrios, porque “o sol também quando se ergue e quando esconder-se nas ondas dará sinais (*sol quoque et exoriens et cum se condet in undas signa dabit* – versos 438-439). As *Geórgicas* são um poema que procura ensinar o trabalho no campo, a arada e a semeadura da terra, tendo o trabalhador que ter os olhos voltados para os astros, de modo a entender os sinais, bons e maus, e aprender a prever o tempo e as estações. Muitas vezes os raios que caem de um céu sem nuvens pressagiam junto com os cometas os maus augúrios – *diri cometae* (verso 488).

Ao fazer a citação de Virgílio, Guimarães anuncia, sem dizer, o infando que deverá ocorrer na narrativa de Manuel Timborna. A citação, portanto, é proléptica, ela não se refere apenas a um possível tempo em que os animais falam, mas, sobretudo, ela diz respeito ao que de mau augúrio vai acontecer na narrativa. Lembremos que a primeira representação, no mundo ocidental, de um animal falando e trazendo maus presságios é a de Xantos, o cavalo de Aquiles, quando anuncia a morte de seu dono (*Ilíada*, Canto XIX, versos 408-417). Atente-se para o fato de que a carga que o carreiro Soronho transporta é inusitada: rapaduras e, por cima, um defunto. No acompanhamento da história, vez que o narrador não se intromete, descobrimos aos poucos que o defunto é o pai de Tiãozinho, que, diferentemente de Soronho, que durante a preparação do corpo “estava muito galante com todos. Estava mesmo alegre, torcendo as pontas do bigode vermelho, mas fazendo de estar triste, às vezes, de repente...” (p. 280), “só Tiãozinho era quem ia triste” (p. 268), pela morte do pai e pelo descaso e desonra da relação da mãe com Agenor Soronho, o pai ainda vivo e entretido em cima de uma cama.

Além da raiva surda de Tiãozinho contra Agenor Soronho, a ponto de desejar-lhe a morte ou querendo crescer para “tirar desforra boa” (p. 277), há a maneira bruta como o menino é tratado pelo carreiro, que, agora quer fazer-se seu pai. Os presságios vão-se sucedendo, com o sol “vermelho e fumegante” (p. 268), de início. Depois, mais alto, fazendo a poeira deixar de ser vermelha e parecer “cinza fina” (p. 273). Por duas vezes, os bois falam que nem sempre obedecem aos homens (p. 270, 291); há duas histórias de morte, a do menino Didico, guia como Tiãozinho, e a do boi Rodapião; um carro de boi, no meio do caminho se despenca, quase matando os bois e seu carreiro, atijando o orgulho de Agenor Soronho, que vai “em pé no cabeçalho” do carro, só para mostrar ao outro que é mais carreiro que ele e que não conhece medo (p. 289).

Orgulhoso, Agenor Soronho se descuida e dorme. É na escuridão do sono que o infando acontece, numa simbiose fantasmagórica de Tiãozinho e os bois, atualizando os versos virgilianos. Os bois falam de “mato-escuro”, dizem que “a noite é enorme”, que Tiãozinho, “o bezerro-de-homem”, neles “se encosta no escuro” do sono (p. 291). Na simbiose menino-bois/bois-menino já não se distingue quem é quem. Os bois assumem ser Tiãozinho e nesse “escuro-brilhante”, tudo se revela maior que seu Agenor Soronho, como diz o boi Dansador (p. 292):

“Eu sou o boi Dansador...
[...] Mas, não há nenhum boi Dansador!... [...] Não há bois, não há homens... Somos fortes... Sou muito forte... Posso bater para todos os lados... Bato no seu Agenor Soronho!... [...] Sou Tião... Tiãozinho!... [...] Ninguém pode mandar em mim!... Tiãozão... Tiãozão!... *Oung... Hmong... Mûh!...*”

Os fantasmas pálidos de Virgílio que levam os animais a

falar se tornam bois-menino/menino-bois, confirmando os presságios da morte de Agenor Soronho, num processo que será levado ao extremo em “Meu tio o iauaretê”, embora mais curto, porque episódico.

O conto de Guimarães Rosa evoca, ainda uma vez, de modo sub-reptício, o texto de Virgílio. Ao final do Livro I das *Geórgicas*, há uma nova invocação feita aos deuses pátrios, a Rômulo e a Vesta. Esta nova invocação tem a intenção de fazer uma exaltação do jovem César, o princeps Otávio, que vai impor a paz a um mundo desviado de seu fulcro, onde “as curvas foices se fundiram em duras espadas” (verso 508); um mundo como uma quadriga desembestada, cujos cavalos tomaram o freio no dente e cujo auriga, ainda que tensione as freios, não conseguem fazer o carro obedecer às rédeas (versos 512-514). Troquem-se a quadriga por uma junta de oito bois e o auriga pelo carreiro Agenor Soronho e veremos como os textos, tanto quanto os bois e o menino, são simbióticos.

Uma palavra final: a ironia fica por conta do primeiro nome do carreiro – Agenor – que significa muito corajoso, muito viril, em grego. E também por conta de Tiãozinho, diminutivo de Sebastião, palavra cujo radical grego aponta para a piedade, com relação aos deuses.

Como podemos constatar, nesse conto de Guimarães Rosa, a complexidade de construção está muito acima do argumento que o norteia. Por outro lado, não conheço teórico que tenha tido mais propriedade e clareza, ao tratar da *literariedade* – aquilo que faz o texto literário ser literário. Guimarães Rosa, sem querer teorizar, nos dá a lição de que a *literariedade* constitui-se de um argumento verossímil, enfeitado e acrescentado em seus episódios. Diz mais, o segredo não está no que se conta, mas no como se conta.

É no intervalo entre o que se conta e o como se conta, que se cria a ficção. ✦



Bixarte

habita a alma

DA MÚSICA BRASILEIRA

Walter Galvão

Especial para o *Correio das Artes*

A cantora, autora, poeta, rapper e ativista paraibana Bixarte conquistou o primeiro lugar do 3º Festival de Música da Paraíba com a composição “Cê não faz”. Opino, a partir do que vi e ouvi durante todo o evento realizado pelo Governo do Estado (EPC-Funesec-Secom), que o resultado foi justíssimo.

A cantora apresentou um rap de alta octanagem, força híbrida poética, passe pleno de crítica radical, peça típica da tradição dos melhores festivais brasileiros desde o século passado. Típica por ser marcada pela ousadia formal (“Domingo no parque”, Gil com Mutantes), por realizar uma comunicação espetacularizada capaz de agitar plateias (“Arrastão”, com Elis Regina), por ostentar a crítica política direta à situação do país (“Caminhando e cantando”, de Geraldo Vandré).

Cantora, autora, poeta, rapper e ativista paraibana faz um rap de alta octanagem, um passe pleno de crítica radical

“Cê não faz” foi, e é, um recado direto, com toda a acidez que a só a verdade é capaz de produzir, sobre convulsões preconceituosas da atualidade, bolhas moralistas recheadas com fundamentalismo, atentados simbólicos e concretos às liberdades, exclusões, ameaças, perseguições e eliminações (homofobia, racismo e feminicídio) reais que a onda conservadora que abraça o Brasil e o mundo cria, distribui e promove.

Se a letra é uma conjugação de força emancipatória crítica, denúncia escancarada de imoralidades e preconceitos à esquerda, ao centro e à direita do espectro ideológico, o desenho melódico não deixa por menos quanto a ▶



Ao lado de Fúria Negra (E), Bixarte foi a grande vencedora do 3º Festival de Música da Paraíba com "Cê não faz", um recado direto sobre convulsões preconceituosas da atualidade

▶ produzir inquietações, atritos e soluções inovadoras no quadro da música popular urbana.

A vencedora do festival apresenta percursos acústicos simétricos e reiterativos que permitem ao arranjo progressões harmônicas cujos valores expressivos impregnam a música da dramaticidade necessária enquanto suporte da letra. Resulta desse processo um mosaico pop que integra desde o gênero enunciativo, melhor dizendo, o processo enunciativo da fala cantada na embolada, às conversões e transgressões na dinâmica da divisão silábica frente à elasticidade do bloco melódico típicas do rap, numa performance que não só confirma as tradições da música falada no Brasil quanto expande suas possibilidades imaginativas.

A propósito dessa música de Bixarte, está boiando em grupos de WhatsApp, entre outras mídias sociais, postagens dos projeccionistas da Caverna de Platão. Vocês sacam a alegoria do mito, né? Refere-se àquelas pessoas que optam em permanecer na ignorância mesmo quando deparam com evidências de que estão erradas.

Pois bem, esse pessoal obscurantista se mobilizou para tentar incutir nos meios culturais a ideia tosca de que a música de Bixarte não mereceria ganhar por se tratar de um rap e não uma "autêntica expressão da MPB".

Um absurdo essa falsa con-

vicção fruto da ignorância. O rap em Bixarte tanto expressa o globalismo da cultura afrobeat (a juju music nigeriana influenciou diretamente o ska e o reggae praticados pelo paraibano Herbert Vianna no grupo Paralamas do Sucesso), quanto o coloquialismo performático do movimento Mangue Beat, bem como a tradição da canção falada brasileira que se inicia em 1770 quando da chegada da moda portuguesa ao Brasil. E que se transforma na modinha, modinha que inicia uma tradição de improviso enunciativo em nossa canção popular.

O sambista (paulista) Jair Rodrigues, nos anos 1960, é considerado o precursor do rap por ter gravado "Deixa isso prá lá", sucesso popular com longos trechos falados.

Mas antes disso, como não integrar o samba-de-breque de Moreira da Silva e Germano Mathias à tradição da canção falada brasileira? E a tradição do repen-

te em nossa cultura popular? A banda Blitz, em "Você não soube me amar", introduz a fala como complementar ao sentido da canção. Em "Língua", o sábio Caetano Veloso faz um revival genial dessa tradição. Embolada, o côco de improviso, até mesmo o aboio, são autênticos gêneros musicais que se mesclam cada vez mais à música urbana na qual a canção é sua forma-símbolo que se desdobra em múltiplas expressões.

Não é só Bixarte que une as pontas das várias formas da canção. Agora mesmo, o rapper Emicida está compondo em parceria com Joyce Moreno, expressão requintada e complexa da canção brasileira pós-bossa nova irrigada pelo toque afro do jazz.

No canal Disney, é possível ver a performance do rapper Daveed Diggs cantando canções de Lin-Manuel Miranda, também rapper, em "Hamilton". O rap para as grandes massas via TV.

Numa abordagem superficial da teoria da canção, podemos falar numa "dialética da entonação" quanto à performance atenta à oralidade gestual (o que a fala exige quanto às divisões silábicas para gerar sentido) e à gestualidade oral (como o intérprete atua conduzindo enunciados) da canção, seja no canto falado (rap), seja no canto musicado.

A música de Bixarte preenche os cinco sentidos da canção urbana contemporânea: é veículo de afirmação do sujeito na arena cultural; é meio de experimentação comunicativa dos ritos de sociabilidade na cidade; favorece vivência estética e artística para a auto-organização de criadores e do público; problematiza o status quo, e contribui para a conscientização e eticidade. A música brasileira, com Bixarte, nunca foi tão autêntica. ✖

Walter Galvão é jornalista e escritor paraibano. Atualmente é presidente da Fundação Espaço Cultural da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

Agora que não escuto mais as vozes de outrora

Agora que não escuto mais
as vozes de outrora me
mostrando caminhos.

Agora que lilases
murcham ao olhar
paciente dos jardineiros

Agora que os relâmpagos
não iluminam mais minha
lucidez.

Agora que as tardes dispersas
ficam surdas à música dos
realejos.

Agora que do cio do chão
não brotam mais palavras
e lágrimas.

Agora que as ancas do tempo
nos apontam os dias de ira.

Agora que os homens se perdem
entre rochas e vegetais, um barco
clandestino me espera e me leva
entre promessas e ventanias aos
arredores de um mar subjugado.



Oh! cidade antiga que revejo em sonhos

Oh! cidade antiga que revejo em sonhos.
Oh! cidade antiga para sempre nova em
meu devaneio.
Por que te perdi?
Por que recolhi meus olhos e minhas
mãos procuraram outros abrigos?
Por que levantei âncoras e naveguei
por uma rota de abandono?
Entanto, teu mapa me aponta
antigas emoções:
a Feira do Alecrim,
o café no Grande Ponto,
o passeio de bonde aos domingos com meu pai,
o Morro do Careca sempre distante,
o cais Tavares de Lira de onde partíamos para
a aventura da Redinha (“o cais não é sempre uma
saudade de pedra?”),
a procissão do Encontro na sexta-feira santa em que
chorávamos as dores de Maria,
o Potengi abraçando o mar,

o galo na torre da igreja vigiando a noite.
Entanto, teu retrato me mostra uma
pátria de pessoas estranhas e seus
estranhos destinos:
Corisco e suas pedras atiradas nos meninos,
Professor Paulo Sete Línguas em sua insana lucidez,
Doutor Choque e seus tremores,
Joquinha tocando num arremedo de violão.
Como no poema de Bandeira, estão todos
dormindo, estão todos deitados,
dormindo profundamente.
Oh! cidade antiga que revejo em
sonhos, oh! país de uma memória de
pedra em que dias alongados machucam
a carne, oh! cidade antiga para sempre
nova em meu devaneio, oh! mágoa
subterrânea iluminando os mitos,
cidade entressonhada entre brumas
e solidão.

berto Jales

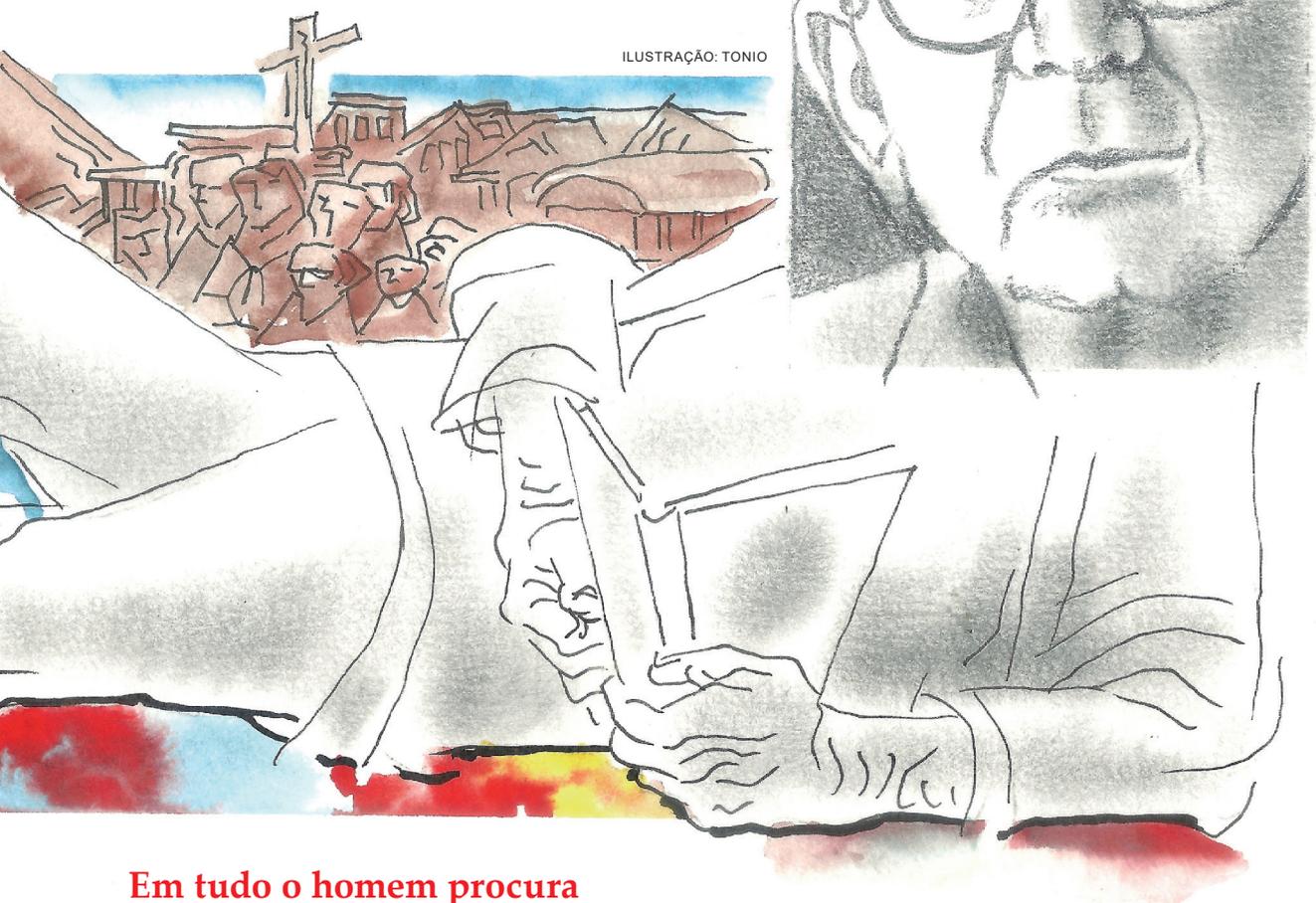


ILUSTRAÇÃO: TONIO

Em tudo o homem procura

Em tudo o homem procura:
a devoção,
a oração
a ilusão

Em tudo o homem vislumbra:
os ermos
os termos
os cerros

Em tudo o homem deseja:
as armas
as almas
as falas

Em tudo o homem descobre:
o posto
o rosto
o desgosto.

Em tudo o homem multiplica:
o nexo
o sexo
o amplexo.

Em tudo o homem constrói;
a utopia
a travessia
a agonia.

Em tudo o homem:
procura
vislumbra
deseja
descobre
multiplica
constrói.

Mas só encontra,
nos campos
da memória
a carne fraturada e
a solidão dos dias.



CARLOS ALBERTO JALES COSTA é natural de Natal (RN) e reside em João Pessoa (PB). Formado em Filosofia e Direito, lecionou em várias instituições de ensino superior, entre as quais a Universidade Federal da Paraíba e Universidade Católica de Pernambuco. Já publicou diversos livros nas áreas de educação e poesia. *Vindimas da Solidão* (poesia) é o mais recente.

Sortilégio de cinema

Alex Santos

Especial para o *Correio das Artes*

Na Capital da Paraíba,
mais conhecida como
“cidade verde” ou “cidade
das acácias”, sempre
viveram em harmonia
sociedade e cinema.
Daí a repercussão
negativa sobre o episódio
daquela noite...

Agonizam os anos 1950 à espera do novo decênio. Como de costume, alguns intelectuais pessoenses, saindo das redações dos jornais, de emissoras de rádio e de alguns centros culturais, correm, céleres, para os lados do Parque Solon de Lucena, na busca do CEU (como era conhecido o Cassino da Lagoa), ou da Churrascaria Bambu, considerada a “meca do cinema paraibano”. Os outros profissionais da imprensa migram com destino à cidade baixa, onde ficavam os cabarés da Maciel Pinheiro, para degustar os primeiros goles etílicos do dia, naquele começo de noite quente. Enquanto os mais aficionados

“

Em um filme, o que importa não é a realidade, mas o que dela possa extrair a imaginação.”

Charles Spencer Chaplin



Simulação sobre o local onde um dia funcionou o cinema Rex, em João Pessoa

ao cinema, optavam por um bom filme em uma das salas de exibição da cidade.

Considerado bastante grave para aquela época, segundo artigo publicado dezenas de anos depois no jornal *A União*, um inusitado ocorrido repercutiu na imprensa escrita e nas rádios de então. Foi repudiado por grande parcela da população da cidade, que alegou ter sido praticado por uma pessoa tomada de um certo “sortilégio amoroso criminoso”; mais ainda, contra o cinema, a mais importante e adorada forma de diversão existente naqueles tempos, quando apenas o teatro lhe fazia frente.

Agora, a famigerada narrativa sobre o acontecimento no cinema Rex, e suas supostas repercussões, ganham contornos cibernéticos contemporâneos. Além das redes sociais, o remoto episódio é hoje representado no média-metragem *Poltrona Rasgada*, realização da empresa paraibana AS Produção de Cinema e Vídeo (ASProd), também responsável por duas outras realizações que fazem parte da trilogia em que a própria Cidade de João Pessoa figura como uma real protagonista. Com grande elenco e ficha técnica, o audiovisual fez sua estreia no Fest Aruanda 2020.

RECRIAÇÃO DO EPISÓDIO

Um dia antes do acontecimento, um balãozinho vermelho oscila ao vento preso a um cordão na mão de um garoto que volta da escola para casa. Subindo e descendo ruas estreitas, ladeiras e escadarias da cidade, ele caminha por uma cenográfica que mais parece devastada, como a de uma Paris do pós-Segunda Grande Guerra – alusão essa ao documentário *Le Ballon Rouge*, do cineasta francês Albert Lamorisse.

Já em seu próprio quarto de dormir, o garoto é visto valorizando o lúdico tão comum à época, brincando de “cineminha”, exibindo coleções de seus filmes favoritos através de uma lâmpada com água, numa réstea de luz do sol que cai da fresta do telhado



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Imagens do filme 'Poltrona Rasgata', que reconstitui fato ocorrido nos anos 1950 em um cinema da capital paraibana

no centro do quarto. Segurando ansioso o pequeno espelho, seu irmão mais velho dá vida aos sonhos cinematistas de ambos. Em exibição na parede, fotogramas de *Os Incompreendidos* de François Truffaut.

Na noite daquele mesmo dia, o filme de Truffaut estaria sendo exibido em um cinema da cidade. E logo após à sessão, com a sala já quase escura, ainda sob os acordes da trilha sonora 'Look for a Star', de Billy Vaughn, premiando os espectadores em sua saída, o velho "lanterninha" do cinema busca, entre as filas de cadeiras, alguns pertences deixados por engano, num gesto habitual de todas as noites. Aqui e acolá, agacha-se apanhando algo. Subitamente, ele para. Com olhos de espanto, constata algo estranho. Corre e vai chamar o gerente.

No dia seguinte, com as emisoras de rádio e jornais da cidade anunciando o inusitado malfeito, que repercute negativamente na população, a gerência do cinema expôs um cartaz fazendo alarde, seguindo o mote de um dos cordelistas da Praça Rio Branco, no centro da cidade: "Apareça seu covarde!..."

Cartazes de alguns filmes, como o de *Os Incompreendidos*, de François Truffaut, em exibição, e *Ladrões de Bicicleta*, de Vitorio De Sica, ornamentavam a frente do cinema naquela manhã. Nos bares e quiosques da cidade é só no que se fala, após um gazeteteiro, em alto e bom som, anunciar: "Extra! Extra! Vândalos rasgam a poltrona do Rex!".

O zunzunzum está formado. Até especialistas em terapia comportamental dão entrevistas no

rádio para explicar aquele tipo de conduta social. Outros discutem sobre o caso, se fartando no caldo de cana com pão doce no Querubim Bar, no centro da cidade.

Como se fora através de uma elipse de espaço-tempo, após mais de meio século do ocorrido – quando lá se cantava a uma só voz: "... está com medo? Não, estou com Pedro!" –, distante daquela que fora uma cidade deveras pacata, um versado crítico pessoense de cinema hoje relata no computador suas suspeitas sobre aquele possível "sortilégio" perpetrado em uma das salas de projeção da cidade.

Em seu bem acessado blog *Imagens Amadas*, ele escreve sobre a paixão avassaladora de um jovem casal de estudantes: ela, morando na Torre e aluna do Lyceu Paraibano; ele, morando em Jaguaribe e aluno da Escola Industrial, perdidamente apaixonado pela jovem. Ela, que parecia com a atriz Kim Novak do filme *Sortilégio do Amor*, semanas depois acabaria o namoro, deixando-o desolado. Mesmo assim, o jovem insistia em frequentar o cinema Rex, ocupando a mesma poltrona que ela sentara.

No final, aquele solitário crítico pessoense caminha pela cidade, de jornal embaixo do braço, conduzindo também um de seus livros de cinema e mídias DVD de filmes. Passando pelo antigo Ciclo Operário de Jaguaribe, outrora local de um cineclube, ele revive, no passeio, instantes de sua vida.

Nas Escadarias da Padre Malagrida, uma passada pelo Anjo Azul, buscando a Praça Aristides Lobo, onde ainda existem alguns



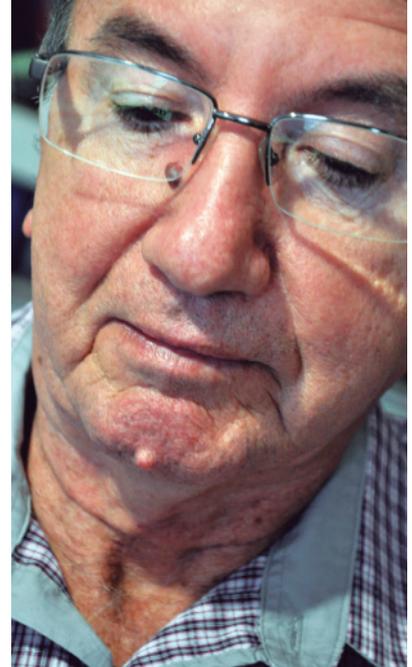
Imagens Amadas: um crítico de cinema relata a paixão de um jovem casal

fotógrafos lambe-lambe. Agora, nos Correios e Telégrafos, ali postará ele à Cinemateca Brasileira uma das suas memórias e as últimas realizações paraibanas em cinema sobre a Cidade de João Pessoa.

Entrementes, no Parque Solon de Lucena, sob a luz rasa do entardecer, de um sol que se despende lentamente lá para os lados o Varadouro, junto ao seu filho pequeno, que brinca criando com pedrinhas formas concêntricas nas águas da Lagoa, uma jovem mãe balbucia a partir do celular, a crônica de um sortilégio no blog *Imagens Amadas*...

Alex Santos é advogado, jornalista, professor, escritor e cineasta. Integra a Academia Paraibana de Cinema e escreve sobre a sétima arte aos domingos no Jornal A União.

Noventa e cinco anos de O Encouraçado Potemkin



Há 95 anos, em 21 de dezembro de 1925, acontecia em Moscou um evento extraordinário: no Teatro Bolshoi era lançado um filme estranho que daria o que falar a soviéticos e estrangeiros por muito tempo.

Em linguagem revolucionária, se mostravam, em 1300 surpreendentes planos de uma força descritiva impressionante, em ritmo nunca visto, episódios da insurreição russa de 1905. Tratava-se de *O Encouraçado Potemkin* (*Bronenosets Potemkin*) de Sergei Eisenstein.

Na verdade, o projeto do filme fora encomendado ao jovem Eisenstein (então com 28 anos) como parte da celebração comemorativa dos 20 anos da insurreição de 1905. Assim, ele e a escrito-

ra Nina Agadjanovna, ela própria uma insurreta, arregaçaram as mangas na elaboração de um quilométrico roteiro que abarcava todos os aspectos possíveis da referida insurreição.

Um belo dia, atrapalhado ao meio de tantas páginas e vendo o tempo passar, Eisenstein teve uma brilhante inspiração: ao invés de reconstituir a insurreição como estava no projeto inteiro, se centraria num único episódio que deveria funcionar como uma metonímia do todo, no caso, equivalente a uma única página do roteiro escrito pela equipe. O episódio era o motim dos marinheiros no navio Potemkin e o apoio recebido por parte da população de Odessa.

Mas Eisenstein não fez só isso. Como se sabe hoje, em favor de efeitos de ordem estética, descartou a fidelidade à História e inventou “incidentes” que por muito tempo passaram por verdades históricas. A sequência da Escadaria de Odessa, (possivelmente, a sequência cinematográfica individual mais citada em toda a história da sétima arte!) é um

exemplo que vem ao caso, mas há um número enorme de outros.

Conta-se que quando o filme estreou em Moscou

Sergei Eisenstein tinha 28 anos quando se debruçou sobre o filme que viria a ser 'O Encouraçado Potemkin', encomendado para celebrar os 20 anos da insurreição russa



FOTOS: REPRODUÇÃO

imagens amadas

alguns dos marinheiros que haviam estado no Potemkin foram convidados. Maldosa como sempre, a imprensa procurou esses marinheiros, depois da exibição, para checar a veracidade dos fatos descritos na película. Por exemplo, para conseguir a devida sensação de opressão Eisenstein havia baixado o teto cenográfico do porão do navio, forçando os seus atores a caminhar curvados. Pois indagados sobre isso, os marinheiros teriam respondido confirmativamente que “era assim mesmo, que viviam com as costas doídas de andar curvados”. Bem entendido, não é que os marinheiros russos fossem mentirosos: é que a força expressiva do filme se mostrava capaz de convencer até os envolvidos na história.

Por trás dessa força, além do talento óbvio do seu autor, havia uma teoria. Eisenstein tentava o milagre de fazer vanguarda com base no materialismo científico de Karl Marx, e sua concepção de cinema girava em torno da famosa tríade dialética: se pensado micro-estruturalmente, o filme era um processo composto de (1) um plano-tese, (2) um plano-antítese e (3) uma síntese, que, esta, deveria ocorrer na cabeça do espectador. Se o plano-tese (uma imagem narrativa) fazia parte da estória do filme, o plano-antítese (uma imagem metafórica), não. Conforme se percebe, esse é o processo que constrói o discurso poético, e não o narrativo, que o cinema tradicional consagraria.

Revedo-se hoje *O Encouraçado Potemkin*, é possível perceber até onde esse esquema funcionou. Naturalmente essa proposta de “cinema poético” só poderia ser viável em filmes curtos, como um poema, e se revelava de difícil sustentação nos setenta e cinco minutos da projeção. O que se observa facilmente é que, muito mais genial que a proposta, foi o talento criador do cineasta, que ironicamente driblou duas coisas, a reprodução verídica e os esquemas teóricos, para engendrar uma grande sinfonia visual, monumental, desconcertante ou



*Censura Soviética:
após a estreia,
‘O Encouraçado
Potemkin’ acabou
remontado pela
tesoura comunista*

instigadora, mas sempre e ainda hoje arrebatadora e impactante, aliás, eleita pela crítica internacional, desde 1948, “o mais belo filme do mundo”.

Como esperado, logo após a estreia Eisenstein começou a ter problemas com a censura soviética de Stalin: o filme foi remontado pela tesoura comunista e o que o mundo inteiro ficou conhecendo a partir daí, e até hoje, não corresponde ao original.

Outro problema tem sido, ao longo das décadas e no mundo inteiro, a recepção a *Potemkin*. Com certeza a revisão sistemática de sua fortuna crítica vai revelar percalços. A sua leitura estritamente ideológica é um deles. A depender da posição do receptor (esquerda, direita, etc), ele já foi elogiado ou detratado por motivos equívocos. Hoje em dia, após a derrocada comunista, o perigo dessa leitura equivocada não desaparece, muito pelo contrário.

A propósito de recepção, não resisto em contar um incidente envolvendo a escritora americana Marianne Moore, como se sabe, um nome maior na poesia do nosso século. Na Nova York dos anos quarenta, dois intelectuais típicos descobrem, numa palestra pública, que Moore nunca tinha visto *O encouraçado Potemkin*, fato que os deixa num frisson

incontido, pois essa lacuna cultural, segundo eles, tinha que ser preenchida o quanto antes. Por coincidência, um cinema da cidade está exibindo o filme de Eisenstein e a dupla tem o zelo de convidar Moore a ir a uma sessão com eles, e depois, a um bom restaurante onde possam discutir o filme.

No programa do tal cinema, antes do filme principal, é mostrado um desenho de Pato Donald que faz Moore gargalhar à vontade. Pois durante todo o jantar, Moore fala entusiasticamente de Pato Donald, ou então de outro assunto, e não toca na obra prima do cineasta russo. No fim da noite, os dois intelectuais, desesperados, arriscam timidamente uma pergunta sobre o filme, e ela, enviesada: “Mas a vida não é assim!”. Ora, a poesia da própria Marianne Moore não retrata a vida “assim”, e muito menos os desenhos de Pato Donald, porém, de todo jeito, deixamos o nosso leitor com esse mote para repensar *O Encouraçado Potemkin* em seus respeitáveis noventa e cinco anos de idade. ❖

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).



Fim de ano

Jesuino André

Especia para o *Correio das Artes*

Esse foi um ano inusitado, cheio de surpresas desagradáveis. Mas ainda não acabou.

Como alguns já sabem, a mendicância aumentou exponencialmente aqui na porta de casa. Um pouco da compaixão desconhecida deve ter feito fama entre os miseráveis. Ainda ontem o expediente foi intenso.

Tivemos um novo pedinte. Um homem ainda jovem e saudável de cabeleira cheia e barba rala. Rogou veemente com a boca cheia de falhas.

– Bom dia, me desculpe, mas o senhor teria uma comida para me dar? Se o senhor também tiver uma roupa usada...

Examinei de longe o sujeito. Meu olhar de julgador viu uma tatuagem mal feita que lhe tomava um braço. Desconfiei, mas desconfiança é o que estamos acostumados a exercer. Fui buscar algo para atendê-lo, muito embora o começo do mês

a despensa tá minguada.

Voltei com um pacote do mar-carrão, outro de biscoito e algumas roupas velhas, mas ainda tive o tino natalino ao incluir uma camisa social em bom estado. Imaginei-o vestido uma roupa descente nesse período. O ato foi um insight alheio, embora isso não tenha significância alguma.

Estou aprendendo coisas que nem imaginava.

Antes de lhe entregar o homem disparou agradecimentos e meio acanhado me fez um pedido inesperado:

– Senhor, gostaria de fazer um outro pedido?

– Pois não, se eu puder...

– O senhor não tem um celular velho sem usar que possa me dar? Eu queria tanto um...

Olhei pra ele surpreso com o pedido. Um telefone celular! Realmente o que eu tinha foi doado faz tempo, mas nessa era de consumismo o que se mais

têm são aparelhos amontoados nas casas por aí.

– Rapaz, infelizmente não tenho mais nenhum. Agora tenho certeza se você pedir por aí vai conseguir.

– Tenho fé em Deus! - respondeu enquanto recolhia no saco o que lhe dei.

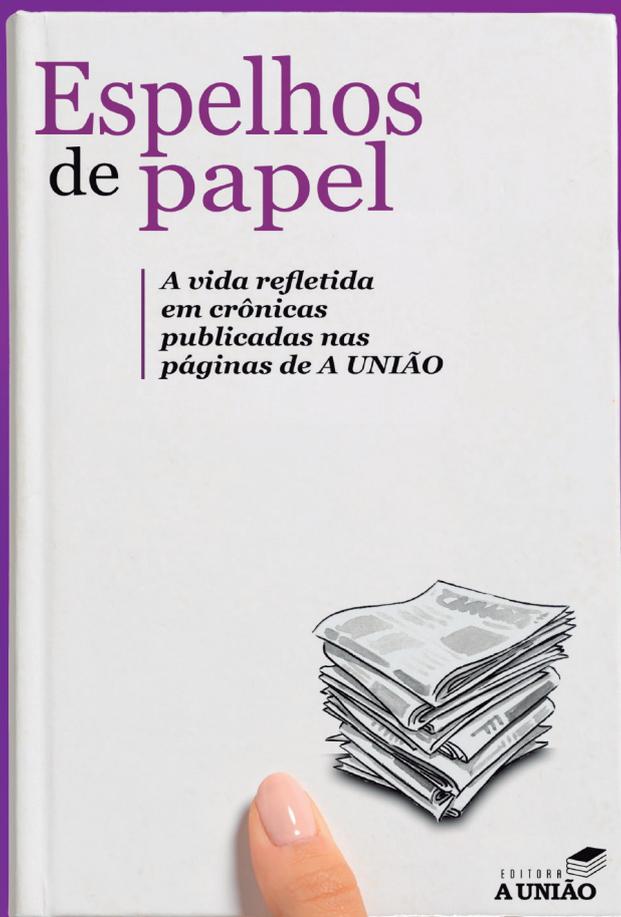
Bom, acho que esse não é o Deus de Spinoza e nem de Einstein, mas aqui não cabe análise e nem censura.

Nessa experiência anual única me deram mil bençãos, diversos agradecimentos, sou até chamado de pai por um deles, mas Papai Noel ainda não. Longe disso.

Depois percebi que até as mangas dispostas no muro tiveram serventia... 

Jesuino André de Oliveira nasceu no interior da Bahia e mora em João Pessoa (PB) desde os anos 1980.

É redator-publicitário, produtor cultural e editor do podcast MeuSons.



Livro que retrata a vida refletida em crônicas publicadas nas páginas de A União. Produzido com a participação dos cronistas do jornal.

R\$30,00

Locais de Venda:

- Editora A União (3218-6500)
- Rádio Tabajara (83 9105-5864)
- Sebo Cultural (3222-4438)
- Livraria do Luiz (3576-5573)
(99317-6944)

CARTÃO SESC.

BENEFÍCIOS E QUALIDADE DE VIDA NA SUA MÃO.



Hospedagem a preços acessíveis nos hotéis Sesc por todo o Brasil;

Atendimento odontológico a preço acessível;

Atendimento com nutricionista, fisioterapeuta e fonoaudióloga a preço acessível;

Passaporte para o paraíso ecológico Sesc Gravatá;

Pacotes de viagem e excursões;

Almoço com valores especiais nos restaurantes credenciados;

Atividades físicas a preços populares;

Cursos e oficinas;

Descontos nos cursos do Senac.

PROCURE UMA UNIDADE DO SESC MAIS PRÓXIMA E FAÇA SEU CARTÃO.

www.sescpb.com.br

Fecomércio PB

Sesc